

Ana Luísa de Sousa Castro Lopes

Das relações entre Ocidente e Oriente:

**Representações literárias da mulher árabe
(Contributos a partir da literatura emergente dos Emirados
Árabes Unidos)**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Literários, Culturais
e Interartes, orientada pela Professora Doutora Ana Paula Coutinho

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro de 2015

Das relações entre Ocidente e Oriente:

Representações literárias da mulher árabe
(Contributos a partir da literatura emergente dos Emirados
Árabes Unidos)

Ana Luísa de Sousa Castro Lopes

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Literários, Culturais
e Interartes, orientada pela Professora Doutora Ana Paula Coutinho

Membros do Júri

Professora Doutora Ana Paula Coutinho
Faculdade de Letras do Porto- Universidade do Porto

Professora Doutora Maria de Fátima Outeirinho
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Zulmira Santos
Faculdade de Letras do Porto - Universidade do Porto

Classificação obtida: 18 valores

Sumário

| | |
|--|-----------|
| Agradecimentos | 7 |
| Resumo | 8 |
| Abstract | 9 |
| Introdução..... | 10 |
| Capítulo 1 | |
| As representações ocidentais sobre o Oriente..... | 12 |
| 1.1 Na senda do Orientalismo..... | 12 |
| 1.2 Que Oriente(s)?..... | 17 |
| Capítulo 2 | |
| O papel dos imagotipos literários na construção identitária e nas relações interculturais..... | 26 |
| Capítulo 3 | |
| Literatura árabe traduzida em Portugal..... | 31 |
| 3.1 Literatura árabe na sua generalidade..... | 31 |
| 3.2 O caso da literatura dos Emirados Árabes Unidos..... | 36 |
| 3.3 Os limites da tradução..... | 42 |
| Capítulo 4 | |
| Uma realidade emergente: a literatura dos Emirados Árabes Unidos..... | 49 |
| 4.1 Poesia dos Emirados Árabes Unidos..... | 51 |
| 4.2 Prosa dos Emirados Árabes Unidos..... | 52 |

Capítulo 5

| | |
|--|----|
| Estudo de Caso: Representações da mulher na literatura dos Emirados Árabes Unidos..... | 60 |
| 5.1 Representações de autoras femininas - a mulher enquanto sujeito da escrita..... | 61 |
| 5.2 Representações de autores masculinos – a mulher enquanto objeto da escrita..... | 69 |
| Considerações finais | 76 |
| Bibliografia | 81 |
| Anexos | 85 |

Agradecimentos

Todos os que decidem embarcar no desafio de elaborar um trabalho acadêmico certamente o fazem sabendo que irão passar por momentos de aperto, em que a falta de tempo e/ou de material, a falta de inspiração, a desorganização, a dificuldade em criar uma rotina, o cansaço e mesmo a vontade de nada fazer, constituirão obstáculos nem sempre fáceis de ultrapassar. Precisamente por tê-los experimentado todos (hoje um, amanhã outro) tenho de agradecer especialmente à minha orientadora, professora Ana Paula Coutinho, que me motivou e alertou a minha consciência para o dever do trabalho sempre que me via menos ativa – uma espécie de “grilo falante”, como na célebre história do Pinóquio. À professora, um muito obrigada com a certeza de que tudo teria sido mais difícil sem os seus alertas, as suas sugestões e toda a disponibilidade que mostrou ao longo deste percurso.

Um muito obrigada à minha família e namorado pela paciência nas horas de queixumes e ansiedade e pelos constantes “Como vai a tese?”. Um muito obrigada especial à minha tia Isabel pela curiosidade no tema e vontade de colaborar com o seu conhecimento na área das letras.

Um muito obrigada aos amigos pela motivação para recomeçar o mestrado, pelo interesse demonstrado em ler a dissertação assim que estiver finalizada, pela disponibilidade para enviar material para o Dubai, por compreenderem a minha ausência em momentos de maior intensidade de trabalho.

Do.

Doing turns around the same spot in the same place will never lead to anything. Every day you need what's new and extraordinary. Set off then: run through impossible pathways so you touch limits, so you're the first to make a discovery and reach the truth. You have to realise that before every beginning, every step, must come song, joy and a leap. Open your heart and start with do on the scale. You only have to say it, and the rest of the notes will come flowing in harmony, just like the waves of a limitless sea- the sea of freedom that awaits you. You don't realise yet how close it is: closer than your shadow.¹

¹ Excerto do poema “Do” de Adhel Khozam.

Resumo

Partindo da bipolarização selada pelo tempo ente Ocidente e Oriente, e que já mereceu várias críticas, a começar pela reflexão seminal de Edward Said em *Orientalismo*, esta dissertação procura dilucidar, além de algumas confusões entre “árabe” e “muçulmano”, alguns estereótipos sobre a mulher árabe. Para tanto, debruça-se sobre os registos oficiais da literatura árabe traduzida em Portugal e procede à apresentação de uma literatura emergente – a literatura dos Emirados Árabes Unidos -, analisando em especial a representação da mulher em *short stories* escritas por escritoras e escritores dos Emirados Árabes Unidos.

Palavras-chave: Orientalismo, Ocidente-Oriente, literatura dos Emirados Árabes Unidos, imagotipo, mulher-sujeito da escrita, mulher-objeto da escrita.

Abstract

From the famous polarization between West and East, which has been analysed along the years through different perspectives, starting from Edward Said's *Orientalism*, this thesis aims to clarify some stereotypes about the arab woman, while analyses the common misunderstands between the concepts of "arab" and "muslim". To do so, I will start to present the official records for arab literature in Portugal, followed by a presentation of the specific case of the emerging emirati literature, while giving particular attention to women's representation in *short stories* written by women and men writers of the UAE.

Keywords: Orientalism, West-East, UAE literature, *imagotipo*, woman-author, women-object.

Introdução

A escolha do tema para a presente dissertação, “Das relações entre Ocidente e Oriente: representações literárias da mulher árabe. Contributos a partir da literatura emergente dos Emirados Árabes Unidos”, teve por base a minha estada profissional, durante o ano de 2014, no Dubai. O interesse em conhecer mais sobre a cultura local do país, acerca da qual sabia muito pouco, aliado a questões práticas, constituíram a rampa de lançamento para este trabalho.

Iniciadas as primeiras leituras, e mesmo já através do senso comum, percebi que, de facto, quando se fala, de algum modo, sobre o “árabe” ou a cultura árabe, a questão da condição da mulher árabe vem sempre à tona, envolta num sem-número de clichés, estereótipos, assunções e imagens (pré) estabelecidas. Decidi, portanto, estudar a literatura dos Emirados Árabes Unidos (EAU) tendo como ponto de partida os imagotipos literários referentes à mulher árabe: procurei perceber como estes se têm formado, como se consolidam e se têm apenas que ver com a perspetiva ocidental.

Delinee um trajeto de pesquisa onde, num primeiro momento, no capítulo “As representações ocidentais do Oriente”, abordo o *Orientalismo* de Edward Said (2004), apresentando algumas das razões apontadas pelo autor para a formação e consolidação dos estereótipos dos ocidentais em relação ao Oriente na sua generalidade. Logo de seguida, passo a uma breve explicação daquele que é o Oriente que corresponde aos Emirados Árabes Unidos, país que viu a sua independência e unificação estabelecidas muito recentemente, na década de 70. Neste capítulo destaco a necessidade que senti de clarificar as diferenças entre os conceitos de “árabe” e “muçulmano”, que tantas vezes se confundem quer em discursos informais, quer mesmo em discursos do foro académico. De seguida, no capítulo “O papel dos imagotipos literários na construção identitária e nas relações interculturais” passo a uma análise, apoiando-me em Maria João Simões (2011), da função dos imagotipos literários na criação e/ou na questionação de ideias fixas, leia-se, estereótipos, sobre determinadas culturas, procurando mostrar a urgência de discutir estes imagotipos com consciência de que eles não podem ser entendidos como refletindo realidades concretas, antes traduzem perspetivas e expectativas do(s) autor(es) e dos leitores. Este capítulo reveste-se de particular importância, pois contextualiza a relação entre (o estudo da) literatura e os

estereótipos que são muito correntes quando se trata da mulher árabe e, nesse sentido, ajuda a explicar o peso que os imagotipos têm na criação de eventuais estereótipos.

Segue-se a exposição dos resultados das pesquisas por «literatura árabe» em geral e «literatura dos EAU» em particular na Biblioteca Nacional Portuguesa – numa tentativa de perceber qual o nível de receção existente em Portugal no tocante a estas literaturas- e posterior análise dos mesmos para, no capítulo seguinte, “Os limites da tradução” (e porque, mediante os resultados obtidos, me pareceu fulcral incluir este tópico), tentar compreender se a tradução poderá constituir, ou não, um fator preponderante quer para o facto de chegar pouca produção literária árabe a Portugal, quer também para a consolidação entre nós de determinados imagotipos literários.

Num segundo momento, dedico-me à apresentação e caracterização da literatura emergente dos EAU, atentando não só ao seu percurso evolutivo como, também, aos tópicos literários prevaletentes, para finalizar a dissertação com um estudo de caso referente a seis *short stories* de 5 autores dos Emirados Árabes Unidos. Nesse último capítulo, optei por incluir três *short stories* de três escritoras, onde, por conseguinte, a mulher local é ela própria sujeito da escrita (dando a conhecer algumas daquelas que são as preocupações mais comuns nas suas criações), seguindo-se outras três de autoria masculina, onde a(s) mulher(es) são objeto da escrita. A escolha destas três últimas narrativas não foi aleatória e recaiu em três exemplos em que a mulher, em diferentes situações, é descrita através do olhar masculino.

Finalizo a dissertação com algumas notas conclusivas sobre a produção literária dos EAU no que toca à problemática escolhida, ou seja, às representações da mulher que resultam de alguns exemplos tanto de produção literária feminina como de produção literária masculina.

Capítulo 1 - As representações ocidentais do Oriente

1.1 Na senda do orientalismo

“ O Oriente não é o Oriente – é o Oriente tal como foi orientalizado”, diz Edward Said (2004: 121). De acordo com o autor, o orientalismo tendeu, desde o seu início e como forma de pensar o *outro*, o estrangeiro, a classificar Ocidente e Oriente como dois pólos estanques e distantes, opostos – “Subjacente a estas categorias encontra-se a oposição rigidamente dual do «nosso» e do «deles», com o primeiro sempre a usurpar o segundo (a ponto, mesmo, de fazer do «deles» apenas uma função do «nosso»)” (*idem*:267). Assim, o Oriente, não passaria de uma imagem criada pelo Ocidente – porque, como defendeu este ensaísta, tratou-se ao longo dos tempos de “uma família de ideias que [explicavam] o comportamento dos orientais; atribuíam-lhes uma mentalidade, uma genealogia, uma atmosfera; mais importante ainda, permitiam aos europeus lidar com os orientais” (*idem*:47). Compreende-se, pelas palavras de Said, que o orientalismo não passará de uma espécie de catálogo que inclui características estanques e uniformemente adotadas por todos aqueles que ao Oriente pertencem. Tais características, refere o autor, seriam opostas às dos ocidentais e, imiscuída nesta oposição, estaria a ideia de superioridade dos últimos. Edward Said fala-nos, pois, de um orientalismo que distingue antagonicamente dois conceitos (Oriente e Ocidente): um é aquilo que o *outro* não é (nem deseja ser). Assim, o autor não atenta apenas para a ocorrência de uma discrepância entre os dois pólos, mas também para o facto de um deles, o Ocidente, se posicionar sempre, aquando da sua caracterização do Oriente, numa situação de superioridade, privilegiada. Segundo Said (*idem*: 356), persistem nos dias de hoje quatro dogmas predominantes no discurso orientalista, a saber: 1 – a total diferença entre um Ocidente racional, desenvolvido, humanitário e superior e um Oriente aberrante, subdesenvolvido e, por isso, inferior; 2 – as abstrações sobre o Oriente são sempre preferíveis aos casos concretos, extraídos diretamente de realidades orientais; 3 – o Oriente é eterno, uniforme e incapaz de se definir a si próprio; 4 – o Oriente é algo a temer e/ou a controlar.

Munzer Kilani (*apud* Labib,2007: 15), no seu artigo sobre o orientalismo (do Ocidente), refere:

“Said’s position is based in a major misconception. When he denies the presence of a reciprocal relation between the «dominating self» and the subject of speech, no matter how sceptic and doubtful this relation is, he tends to deny the subject the ability to put the «dominant self» in question and forbids it to impose an alternative prototype. This position leads to a dead end on the methodical level because it eliminates the dialectical relation between the «dominating self » and the subject that applies to every social construction and every intellectual project” (Kilani *apud* Labib, 2007: 15).

Através deste excerto, depreende-se que Munzer Kilani, ao contrário de Edward Said, legitima uma relação (no estudo antropológico) baseada na hierarquia entre o Ocidente e o Oriente pois, explica o autor, ao negar a dialética entre sujeito e objeto, estamos, aí sim, a tornar estanques as duas identidades. Isto porque, nesse caso, o foco estaria virado exclusivamente para o *outro*, para o objeto de estudo, sem que isso fizesse surgir uma reflexão acerca do *eu* - “ Who am I ? Who could the person standing before me be? From which position and by which creative manner does the anthropologist, who is I, describe the other culture ? ” (Kilani *apud* Labib, 2007: 12). Além disso, Kilani diz ser ingénuo pensar que é possível estudar o *outro* objetivamente, sem uma cultura de referência ou sem considerar relações históricas e ideológicas entre comunidades. Assim, ao contrário de Said, Kilani defende a existência de uma dialética no processo de construção de ambas as identidades, de quem estuda e de quem é estudado, nesta sua relação de opostos, de dominante e dominado – é esta dialética que vai impedir a formulação de identidades estanques. Na opinião deste autor, se anularmos o orientalismo tal como ele se apresenta (em que o Ocidente prevalece sobre o Oriente), estamos a negar a hipótese ao Oriente de se construir face, com, contra e sobre o Ocidente hegemónico. O autor vai mais à frente e defende (acerca da dialética do senhor e do escravo, de Hegel):

“This example can be taken to incite the Orient to admit to itself once and for all that it played an active role in moulding its image and its identity within Orientalism (...) there must have been a kind of complicity between Western and Oriental cultures that made Oriental identity exotic” (Kilani *apud* Labib, 2007:12).

Se, por um lado, Kilani defende que, nesta relação vertical, ambos se influenciam e se transformam, por outro lado Edward Said defende que estamos perante

um orientalismo que esgota os árabes no facto de serem árabes, sendo que tudo o que lhes é atribuído é-o em função disso mesmo. Tudo no homem árabe é explicado pelo facto de ser árabe, antes mesmo de ser homem, não ocorrendo processos mentais de individualização deste sujeito: “Nas notícias ou nas reportagens fotográficas, o árabe é sempre mostrado em grandes grupos - nenhuma individualidade, nenhuma característica ou experiência pessoal” (Said, 2004:339).

Diz Said:

“Devemos presumir que, se um árabe sente alegria, se está triste pela morte de um filho ou de um dos pais, se tem um sentido das injustiças da tirania política, então todas estas experiências estarão necessariamente subordinadas ao facto simples, sem adornos e persistente, de ser árabe” (*idem*: 270).

O autor acrescenta ainda que, ao contrário do que é defendido por Kilani quando diz existirem pontos comuns entre sujeito e objeto (“every self has elements in common with the other” (*apud* Labib,2007:15)), nesta relação de opostos, o Ocidente torna-se cada vez mais ocidental e o Oriente cada vez mais oriental, como se, ao se enfrentarem, se voltassem com mais força para as características que os distinguem - “Quando usamos categorias como oriental e ocidental (...) daí resulta frequentemente uma polarização da distinção – o oriental torna-se mais oriental, o ocidental mais ocidental” (Said, 2004: 52). Tal resulta, como refere o autor, numa tendência para o afastamento, fruto de uma necessidade de afirmar o hiato existente entre *nós* e os *outros*. O orientalismo, segundo Said, serve para reforçar esta tendência separatista, para evidenciar diferenças e, conseqüentemente, solificar barreiras. A diferença entre Kilani e Said parece residir no facto de o primeiro aceitar e legitimar esta relação hierárquica de opostos, defendendo que ambos participam no processo de edificação de identidades (mesmo quando se trata de um Ocidente ativo que estuda um Oriente passivo), ao passo que o segundo não vê neste discurso (do orientalismo) o caminho a seguir para estudar o Oriente. Said propõe, então, que os intelectuais submetam frequentemente o seu método a um escrutínio crítico, como forma de evitar cair em discursos etnocentristas:

“Considero que o fracasso do orientalismo foi tanto humano como intelectual; isto porque, ao ter de adoptar uma postura de irreduzível oposição a uma região do mundo que

considerava ser alheia à sua, o orientalismo não foi capaz de se identificar com a experiência humana, nem foi capaz de a ver como experiência humana” (Said, 2004: 389).

Edward Said não aceita esta relação hierárquica como forma de definir identidades autênticas – se, no caso do Oriente, lhe é imposta uma identidade estanque, no caso do Ocidente só permite vislumbrar os seus traços imperiais e hegemónicos. O orientalismo produz, por isso, identidades falsas.

Uma das causas mais óbvias para a criação destas identidades falsas, e que é apontada por Said, é o facto de o orientalismo ser referente a uma área geográfica extensa e de vasta diversidade, pelo que nunca poderia compreender características uniformes e estanques, nem identidades comuns. Com efeito, parece redutor que uma área de estudos inclua países e realidades tão distintas como são os países do Médio e Extremo Oriente – desde, por exemplo, o Golfo Pérsico até ao Japão, Taiwan, China, passando pela Arábia Saudita, Irão, Palestina, Israel, etc.

Tendo isto em consideração, poderá ser questionado se, numa época em que o mundo árabe e islâmico (conceitos que ainda geram muita confusão e que analisaremos mais à frente) é tema central na comunicação social - em que parece querer justificar-se guerras, em que se discutem os direitos humanos à luz daquilo que são os valores do mundo ocidental, em que se fala da condição da mulher árabe e muçulmana como se todas vivessem nas mesmas condições - não estaremos perante um discurso redutor com fins políticos (descaradamente) assimiladores e, por conseguinte, redutores?

Célia Rodrigues (*n.d*), no seu artigo “Linha de Investigação: Europa, Segurança e Migrações”, recorda a teoria “Choque de Civilizações” de Samuel Huntington. O autor defendeu que, após a Guerra Fria e o desmoronamento do Império Soviético, as guerras civilizacionais reapareceriam destacando a tensão entre o mundo ocidental e o mundo islâmico que engloba, não só, mas também muito países árabes. A verdade, e de acordo com a mesma autora, é que a dicotomia entre a sociedade ocidental e as comunidades islâmicas nunca foi tão evidente e tão inflamada. É curioso atentar no que é dito por Akbar S. Ahmed:

“O confronto entre o islamismo e o Ocidente é visto no mundo Muçulmano como uma luta evidente entre a cobiça e a fé, entre um modo de vida que encoraja a violência e a anarquia,

e outro que realça a estabilidade e a ordem. Todavia, esta imagem é completamente oposta na perspectiva do Ocidente, que tende a ver os Muçulmanos como uma fonte de violência e anarquia que ameaça um Ocidente estável e próspero”.²

Parece que ambos os lados apresentam os mesmos receios e acusam o *outro* da mesma tendência para a violência.

Este confronto tem vindo a ganhar força e a criar dois blocos facilmente identificáveis: Ocidente/EUA e Oriente/Islão, diz Célia Rodrigues (*n.d*). A autora adianta ainda que esta luta, por parte dos Estados Unidos da América, é um processo de recolonização, já que implica a mobilização de forças armadas para determinados territórios, a fim de controlar células de terrorismo organizadas à volta ou dentro do próprio Islão. Este processo expansionista acontece devido ao receio de muitas nações que vêem o Islão político como uma ameaça da segurança internacional - desta forma, os EUA legitimam, mantêm e solidificam a sua reputação de nação expansionista na história mundial. Por outro lado, depois de décadas de fragilização face a uma modernização disseminada por todo o mundo (este crescendo da modernização/desislamização é fácil de explicar, já que a modernização requer uma rejeição de todas as instituições religiosas, pré-modernas e, por isso mesmo, anti-modernas), o Islão tenta reforçar o seu papel, transformando-se num instrumento político bem manipulado pelos movimentos da oposição, “graças à sua capacidade para mobilizar e galvanizar os povos árabes” diz Célia Rodrigues (*n.d*: 24). Por esta razão, no Ocidente, o Islão começa a ser visto como “uma força antiocidental e anti-democrática, instigadora de atividades subversivas e terroristas” (*idem*). A este propósito, Raphael Patai (1983) explica que se os conceitos tradicionais dos árabes (os precursores do Islão) de “House of Islam” (“nossa”) e “House of War” (“deles”) começam a perder o seu significado devido à ocidentalização do Oriente (e os Emirados Árabes Unidos são um perfeito exemplo deste fenómeno), o mesmo não acontece com os termos de muçulmano e não muçulmano: “the distinction between Muslim and infidel [which] remains and it is a sharp one (...)” (Patai, 1983: 14), sendo que a tensão entre uns e outros mantém-se e, inclusivamente, agudiza-se. Presenciamos, cada vez

² Cf. Ahmed *apud* Rodrigues (*n.d*) <http://www.cepese.pt/portal/pt/investigacao/working-papers/relacoes-externas-de-portugal/o-islao-2013-um-mundo-em-descoberta-para-o-ocidente/O-Islao-2013-um-mundo-em-descoberta-para-o.pdf>. [Consultado a 13/04/2015].

mais, comportamentos defensivos e ofensivos por parte de ambas as partes. Por um lado, a desconfiança do mundo árabe perante o processo de ocidentalização que atualmente vivencia e o receio de que esta influência possa, de alguma forma, inverter a força (normativa) que o Islão assume no dia a dia dos fiéis, tal como aconteceu com o cristianismo no Ocidente; por outro lado:

“Tem havido um ataque tão maciço e interessadamente agressivo contra as sociedades árabes e muçulmanas contemporâneas, contra o seu atraso, a sua falta de democracia, a sua anulação dos direitos das mulheres, que nós simplesmente esquecemos que noções como modernidade, esclarecimento e democracia não são de forma alguma conceitos simples e consensuais” (Said, 2004: XIV).

De facto, não só os valores não são universais como também as comunidades árabes não são uniformes e homogêneas (assunto de que nos vamos ocupar de seguida), pelo que a tendência para a generalização tenderá a ser falaciosa.

1.2 Que Oriente(s)?

“Falar de uma especialização académica como uma «área» geográfica é, no caso do orientalismo, bastante significativo uma vez que não é provável alguém imaginar uma área simétrica chamada ocidentalismo [aliás] não existe nenhuma outra área análoga a esta que adopte uma postura geográfica fixa e mais ou menos completa a respeito de uma grande variedade de realidades sociais, linguísticas, políticas e históricas” (Said, 2004: 57).

Importa, antes de mais, sublinhar que este trabalho está focado num Oriente em particular, o Médio Oriente – e, dentro deste, (a literatura dos) Emirados Árabes Unidos.

De acordo com Gamal Abdul Nasser, e isto no que ao Egito concerne, existem três círculos concêntricos em que o país está posicionado (face ao mundo): o “círculo árabe”, o “círculo africano” e o “círculo do Islão”. Aqui importa-nos distinguir o primeiro e o terceiro círculos – “Culturally, Egypt – as indeed every other Arab country – belongs to the Arab world, as well as to the world of Islam which is many times larger” (Nasser *apud* Patai, 1983: 9). Raphael Patai adianta ainda um terceiro círculo –

“that of the Middle East, a culturally clearly definable area which lies geographically between Europe, Black Africa, and Central and Southern Asia” (Patai, 1983:10).

Para melhor distinguir o Islão do Médio Oriente, e para que se compreenda que estamos perante conceitos de diferentes dimensões, Patai explica que, dentro do mundo islâmico (dimensão religiosa), encontra-se o Médio Oriente (dimensão geográfico-cultural). Assim, se o mundo islâmico é-o pela partilha de uma religião comum, o Médio Oriente remete para questões culturais – “it is, as I have termed it elsewhere, «a culture continent», characterized by a distinct cultural configuration. One of the most important features in this configuration is Islam (though Islam is not enough to place a people into the Middle Eastern context” (Patai, 1983:10) - de destacar, a título de exemplo, o facto de 50% da população do Líbano ser cristã e de a população de Israel ser, na sua maioria, judia.

E afinal, quem são os árabes? Segundo o autor muitas foram já as tentativas para responder a esta pergunta e as respostas, tanto de académicos ocidentais como de académicos árabes, geralmente incluem os seguintes critérios, a saber: os árabes são aqueles que falam a língua árabe; aqueles que nasceram e cresceram no seio da cultura árabe, ou aqueles que vivem no seio da cultura árabe; são aqueles que acreditam nos ensinamentos de Maomé; aqueles que partilham a memória coletiva do Império Árabe; os árabes são membros de qualquer uma das nações árabes. No entanto, sublinha Raphael Patai, “A moment’s reflection will suffice to show that of all these criteria, only the linguistic one holds good for all Arabs and for almost nobody else but Arabs” (1983: 13). De facto, os exemplos apresentados pelo autor explicam bem a limitação dos critérios anteriores com exceção do critério linguístico: por um lado, indivíduos cuja língua-mãe é o árabe, ainda que sejam educados num país/cultura não árabe, podem considerar-se e serem considerados árabes – veja-se o caso dos árabes que vivem em França, nos Estados Unidos ou na América Latina; podem não ser islamitas, como muitos árabes cristãos não o são mas, nem por isso, deixam de se sentir árabes e de ser tão árabes quanto um (árabe) islamita; podem não dar vida à memória do Império Árabe pelo facto de, por exemplo, e de acordo com Patai, serem comunistas; os árabes podem até ser cidadãos de outro país sem perder a sua identidade. O autor opta, portanto, pela definição de Jabra I. Jabra que define o árabe como sendo “anyone who speaks Arabic as his own language and consequently feels as an Arab” (*apud* Patai, 1983: 13). De facto, os árabes consideram-se uma nação, independentemente de serem, ou não,

cidadãos de entidades políticas, sociais e culturais distintas – “In the arab view (...) the Arabs constitute one nation, the Arab nation, and the division of the one Arab fatherland into numerous separate countries is but a temporary condition that (...) must be, will be, overcome” (Patai, 1983: 13). É de ressaltar, no critério linguístico defendido por Raphael Patai, o facto de muitos árabes serem bilingues e, inclusivamente, de muitos autores utilizarem outras línguas que não o árabe nas suas obras, pelo que não deve entender-se o uso exclusivo da língua árabe neste critério. A este propósito, mais à frente, será abordada a preferência do uso da língua inglesa na escrita de alguns autores dos Emirados Árabes Unidos.

Retomo o “círculo do Islão”. Como já foi explicado atrás, apesar de muito comum, a ideia de que todos os árabes são islamitas não é certa; por outro lado, nem todos os islamitas são árabes – “Arabs know that it embraces, in addition to the Arabs, numerous non-Arab nations. The Arabs, of course, consider themselves the core of the Muslim nations, since they were the originators of Islam and those who spread it in the world” (Patai, 1983 : 14). A este propósito creio ser curioso referir o facto de até os próprios árabes caírem no erro da indiferenciação dos conceitos de mundo árabe e mundo islâmico, confundindo as suas diferentes dimensões. Patai dá o exemplo do autor Muhammad Kurd ‘Ali cujo livro *Islam and Arab Civilization* utiliza indiscriminadamente os conceitos “árabe” e “muçulmano”. Raphael Patai diz “Islam, originally the religion of the Arabs, remains for them identified with the Arabs to the extent of making it practically impossible for them to distinguish the two” (*idem*:15). Daqui pode inferir-se a proximidade da cultura árabe com a dimensão religiosa.

Um fator explicativo desta confusão em torno dos conceitos que, como vemos, não acontece apenas entre os não-árabes, será o facto de, ao contrário do que acontece hoje em dia nas sociedades ocidentais, o mundo árabe continuar a reger-se por normas e valores religiosos – “religion was – and for the traditional majority in all Arab countries has remained – the central normative force in life” (*idem*, 144).

Agora que foram introduzidos os conceitos de árabe, muçulmano, Islão e Médio Oriente, passemos a uma breve apresentação dos Emirados Árabes Unidos. Trata-se de um país recente, que viu a sua independência declarada a 2 dezembro de 1971. Antes desta data, e de acordo com Fatma Al-Sayegh (1999: 14), os Emirados Árabes Unidos, a sua população, história e cultura eram desconhecidos pela grande maioria.

Em 1971, os 7 estados tribais, ou Trucial States, Abu Dhabi, Dubai, Sharjah, Ajman, Fujairah, Umm al-Qwain e Ras al-Khaimah (ressalvo que este último se uniu mais tarde, em fevereiro de 1972) uniram-se na constituição de um governo federal - “the transition from tribal loyalties to loyalty to the new country took a lot of effort, but eventually it was achieved” (Fatma Al-Sayegh, 1999: 14). Os Trucial States mantinham, antes da independência, “an unchanging and unchallenged lifestyle organized around tribal cohesion and the hereditary chain of control” (Fatma Al-Sayegh, 2004: 46).

Para uma melhor compreensão da dimensão deste período de transição, a mesma ensaísta destaca o facto de a falta de recursos humanos qualificados ter constituído, em todo o processo de independência, um dos maiores constrangimentos para o país:

“In fact, until very recently, the UAE had to cope with a shortage of trained and educated local people. The country lacked the skills required to make the newly federated state successful (...) considering the enormity of the task and the tools available at that time, the federation succeeded quite admirably ” (Fatma Al-Sayegh, 2004 :46).

Não existia, naquela altura, uma base económica, política e social; o processo de constituição de uma nação independente inciou-se a partir do zero, sem qualquer estrutura interna, dependendo apenas dos lucros gerados pela produção e exportação de petróleo – “ the building process began at ground zero without all the ingredients for building a politically and militarily strong nation, except for oil revenues to purchase foreign expertise and building material” (*idem*: 55).

Os EAU são, pois, um país em transição entre uma organização tradicional de comunidades tribais independentes e uma sociedade moderna, assente num governo federal – “The UAE is experiencing an intense nation- and institution-building phase in its development, which is unique due to the high level of non-citizens (80%), with a distinctive political system and culture” (Eugenie Samier, 2015: 242). Repentinamente, os cidadãos locais redirecionam a sua confiança para um governo e seus representantes, em detrimento de uma figura de autoridade local, como era seu costume; repentinamente, recebem um fluxo fortíssimo de imigrantes e (consequentemente) começam a adotar-se novos costumes (ocidentais) – “education and urbanization with all of the modern amenities, plus a burgeoning consumerism and an influx of foreigners eventually broke down the traditional barriers” (Fatma Al-Sayegh, 2004: 56). Estes

fatores espoletaram, como seria de prever, um leque bastante amplo de transformações sociais, culturais e políticas.

Ao longo dos últimos 40 anos, os EAU têm vivenciado um processo (expectável) de redefinição da sua identidade que deixou de ser 100% tribal para estar equilibrada numa espécie de limbo entre a cultura local (tribal) e a constituição de uma das maiores comunidades multiculturais do mundo - na década de 80, o número de imigrantes a viver no Emirados tinha já ultrapassado o número de cidadãos locais; atualmente, apenas 20% dos habitantes do país corresponde a cidadãos locais. A este propósito, é de realçar que os EAU se têm mostrado recetivos ao acolhimento e absorção das influências neoliberais da globalização (ou será ocidentalização?) – “Dubai, in particular, has had one of the highest Globalisation Indices of the region in the economic, cultural and social spheres” (Eugenie Samier, 2015: 243); ainda assim, na opinião de Fatma Al-Sayegh, a sua cultura local tem-se mantido sólida – “its national cohesion remained undercut by strong regional, tribal and family loyalties” (Fatma Al-Sayegh, 2004: 57).

Uma das transformações sentidas diz respeito ao papel das mulheres na sociedade dos Emirados. Este é um ponto que considero importante expor pois que, como referi anteriormente, a condição da mulher é um dos assuntos mais polémicos quando a discussão gira em torno das sociedades árabes e muçulmanas, conceitos que, como já vimos, surgem (quase) sempre lado a lado. Sobre este tópico, Eugenie Samier (2015) refere que, nas academias ocidentais, proliferam muitas generalizações referentes à mulher muçulmana (estendendo-se, por conseguinte, à mulher árabe) - não raras vezes, é perspectivada apenas sob o ângulo religioso, como se a sua vida se esgotasse nesta esfera. Esta perspetiva redutora exclui os aspetos sociais, culturais e históricos da mulher muçulmana, ao mesmo tempo que dá força à disseminação e consolidação das ideias sobre um orientalismo/islamismo patriarcal e conservador. Considerando que este trabalho se desenvolverá em torno da literatura dos Emirados Árabes Unidos, será pertinente proceder a uma breve clarificação sobre a condição da mulher dos Emirados.

Ao contrário do que comumente se pressupõe, nos Emirados Árabes Unidos, as mulheres votam, conduzem e desempenham atividades nas mais diversas áreas profissionais: direito, medicina, engenharia, banca, construção, negócios, profissões ligadas ao governo, etc.

Será importante começar por entender a que é que são, regra geral, atribuídas as generalizações e preconceitos referentes à mulher árabe-muçulmana (utilizarei os conceitos lado a lado ou alternadamente, tendo em conta que as próprias generalizações que pretendo expor também o fazem):

“While data collected during the 2000s suggested that culture and religion were seen as barriers to women’s higher participation in the workforce, by 2012, according to Government of Dubai official figures, this picture has changed with 41% of Emirati women being on the workforce” (Samier, 2015: 244).

Eugenie Samier explica que, ao contrário de muitas generalizações, as práticas que dão azo a estereótipos associados à mulher muçulmana têm quer ver com a cultura e política do país, não com o Islão em si:

“Provisions for women’s education (...) are very different from the negative stereotype that prevails. Women are equally recognised in the Qur’an as having rights to learn, debate, attend educational organisations, and hold positions in education and other sectors” (Sonbol *apud* Samier, 2015: 240).

A opressão da mulher que frequentemente se associa ao Islão provém, segundo Sonbol e Samier, de regulações sociais e culturais:

“Women’s achievements are supported by the principles of Islamic social justice, which the U.A.E. applies through equality in social services and other public programmes as well as in their legal rights. The areas that constrain women are social and cultural values” (Samier, 2015: 247).

É importante recordar que, tal como sublinha Eugenie Samier (2015), as mulheres orientais têm dificuldades em identificar-se com as conceções de género do Ocidente, que se baseiam no individualismo e não se adequam, portanto, às sociedades fortemente assentes em estruturas familiares, tão populares nas comunidades tribais. A este respeito, Suaad Zayed al Orami defende - “But we, as Arabs and Muslims, live in

different situation and have our own approach to dealing with women's issues" (al, Oraini, 2011: 82).

Será legítimo analisar a condição da mulher dos Emirados a partir das concepções de género ocidentais?

No caso específico dos EAU, a abertura do país ao exterior potenciou a incorporação de alguns conceitos externos (tal como o de "género" que, antes de 2002 - ano em que foi publicado um relatório das Nações Unidas que alertava para o número reduzido de mulheres em posições de topo - não era equacionado) e de determinados paradigmas ocidentais na sua forma de "fazer política".

Segundo Suaad Zayed al Oraini "in UAE society women have had a unique position, governed by economic conditions and a tribal system. Historically, women played multiple roles in traditional societies and helped to support the family" (*idem*: 80). A autora explica que as sociedades tribais estavam assentes num sistema patriarcal em que homens e mulheres dividiam tarefas de acordo com as suas capacidades – "women's participation in economic activity was formed in the context of obligation and the demands of necessity" (Suaad Zayed al Oraini, 2011:80) – não se tratava, pois, de uma questão de igualdade de géneros.

Com a descoberta do petróleo e consequentes transformações socio-económicas, a necessidade de mão de obra feminina diminuiu e, se antes homens e mulheres dividiam tarefas e eram parceiros no trabalho, as mulheres passaram, então, a estar dependentes dos homens – "however, in the time of economic prosperity and social change roles changed, and the space given to women diminished" (Suaad Zayed al Oraini, 2011:80).

Voltando ao Islão, comunidade religiosa de que fazem parte os Emirados Árabes, uma vez que o islamismo é a sua religião oficial, Suaad Zayed al Oraini atenta para o seguinte facto: "Education has an important role in Islam (...) Islam has called for education as a religious duty incumbent on all Muslims, male and female" (*idem*: 85). A educação é o meio com maior impacto no atingir da igualdade por que certas minorias lutam ativamente, nomeadamente, neste caso, a das mulheres. Destaca-se o facto de, no ensino universitário dos Emirados Árabes Unidos, as mulheres ultrapassarem largamente o número de homens inscritos: todos os anos, preenchem 70% das vagas das universidades, enquanto os homens preenchem apenas 30%.

“Through education, women have been able to achieve their civil rights, albeit only in small part” (Suaad Zayed al Oraini, 2011:86) - a autora explica que, apesar de as mulheres se destacarem nas universidades, quer em número, quer em mérito académico, a visão patriarcal ainda predomina. Significa isto que, embora existam, efetivamente, políticas voltadas para a consolidação do papel da mulher na esfera pública, esta visão não está generalizada no seio da sociedade civil, o que conduz, naturalmente, ao seu enfraquecimento - “the empowerment of women may be backed by the state but, at the level of society, acceptance has been conciliatory rather than based on a genuine belief in women’s ability to participate” (*idem*: 88). A autora reitera que o espaço da mulher na esfera pública está ainda aquém das expectativas, não desfazendo, no entanto, todos os esforços que se têm vindo a efetuar no sentido de alcançar a equidade de géneros, quer a nível governamental, quer pelas próprias mulheres (que conservam a herança da sociedade tribal de outrora, altura em que o seu papel equivalia ao do homem):

“We find that the patriarchal system has indeed provided women with education, through which they have been able to enter the job market. However, in terms of the boundaries of male authority in UAE society, it is true that women participate less in decision-making under the new patriarchal system than they did under the traditional one” (Suaad Zayed al Oraini, 2011:87).

A autora atribui muito do que tem vindo a ser alcançado ao esforço de Sheikka Fatima bint Mubarak, que sempre trabalhou ativamente neste campo, e ao facto de, desde o ano 2002, a mulher “constituir” um “projeto” do Governo:

“Since that time women have been the «state’s project», with the government seeking to give them their rights and bring them into the decision-making process. Given this support, women have occupied a number of leadership positions in the Federal National Council, the federal government and the local governments” (Suaad Zayed al Oraini, 2011:88).

Não obstante, Suaad Zayed al Oraini questiona as verdadeiras razões que, a seu ver, estão por detrás deste “projeto”: “however, why is the state playing this paternalistic role towards women?” (*ibidem*). Na sua opinião, trata-se de uma necessidade: como já foi abordado, o país carece de mão de obra qualificada, pelo que

não está numa posição em que possa desperdiçar as habilitações das mulheres que frequentam os estudos superiores. Suaad conclui que se trata, portanto, de um objetivo que tem indexadas motivações de outro foro. Desta forma, é compreensível que o espaço da mulher na esfera pública não esteja ainda consolidado e que as mulheres não tenham sido capazes, até à data, de mostrar todo o seu potencial e alcançar pleno reconhecimento social.

Pode concluir-se que a participação cada vez mais ativa das mulheres nas várias dimensões da sua sociedade não tem sido acompanhada por uma análise das questões de género. No entanto, estes desenvolvimentos não devem, por isso, ser menosprezados, antes utilizados em prol de um objetivo maior. Para isso, é necessário que a sociedade civil esteja alinhada nos seus objetivos e, concretamente, nos seus propósitos -“ Change can only be brought about by men and women together and within stable social conditions. [However] Current changes must be embraced by women to their own advantage. Change can only come about within a cohesive and cooperative social system” (Suaad Zayed al Orami, 2011: 90).

Capítulo 2 - O papel dos imagotipos literários na construção identitária e nas relações interculturais

Na senda dos estudos imagológicos que têm já uma longa tradição no âmbito da Literatura Comparada, a autora de *Imagotipos Literários: processos de (des)configuração na imagologia literária* (2011), lembra que a leitura traz o contacto com o *outro* estrangeiro, com a alteridade, com a “outridade” (termo utilizado por Maria João Simões) e, desse contacto, a consciência da própria identidade, pelo que a imagologia literária terá o papel de estudar as representações mentais que advêm deste contacto, as imagens que retemos do *outro* e do *eu*.

“A Imagologia interroga-se sobre a «imagem» do «outro», pensa a estranheza e o estrangeiro e, por isso mesmo, levanta a questão da «imagem» enquanto constructo histórico. A Imagologia entranha-se no território problemático da «representação», contrapõe alteridades e identidades e, por isso mesmo, interpela-nos a ler nos interstícios das imagens” (Simões, 2011: 10).

Como sublinha Maria João Simões, o interesse pela imagologia tem vindo a crescer nos últimos anos, sendo que muito se deve ao facto de estarmos num mundo cada vez mais focado nas ideias de globalização e multiculturalidade que “colocam na ordem do dia questões que têm a ver com os nacionalismos e os choques culturais e, necessariamente, com as suas representações socioculturais” (2011: 17) – tal como acontece no caso particular do Ocidente e do Oriente. A investigação imagológica surge com o objetivo de refletir e de desconstruir as imagens e representações literárias do *outro* estrangeiro, de identificar o que está dito e aquilo que fica sugerido nos interstícios subjacentes ou hiatos discursivos.

Entretanto, no quadro das identidades, importa notar, como o faz o ensaísta e ficcionista francês, de origem libanesa, Amin Maalouf, que “a identidade não é dada de uma vez por todas, constrói-se e transforma-se ao longo da existência” (*apud* Simões, 2001: 28). Ora, esta construção será fruto da relação entre o *eu* e o *outro*, fruto de uma coalescência, das partes que se tocam, que se distinguem, que se influenciam. No contexto desta dinâmica dialógica, o conceito de identidade surge totalmente oposto a

um padrão, a algo estático e imutável, indo ao encontro daquilo que é defendido por Amin Maalouf. De resto, na sua obra sugestivamente intitulada *As identidades assassinas*, Maalouf acrescenta que “cada um deveria poder incluir, no que ele crê ser a sua identidade, uma componente nova (...): o sentimento de pertencer à aventura humana” (*apud* Simões, 2001: 28). Este ponto remete para o que, no capítulo anterior, foi abordado acerca do orientalismo, em particular no que toca à crítica de Edward Said sobre o facto de o árabe ser representado através de características estanques e imutáveis, quase como se, antes de ser homem, fosse árabe (e, por isso, exterior a esta aventura humana referida por Amin Maalouf).

O percurso da identidade faz-se, de facto, em conjunto com o *outro*, no confronto entre ambos, tratando-se, pois, de um processo “que implica conflitualidade, disfuncionamentos e desfasamentos em permanente reconfiguração”, escreve João André (*apud* Simões, 2011: 29).

Para o estudo das relações entre o *eu* e o *outro* enquanto entidades coletivas e culturais, a literatura sempre se revelou crucial, já que nela encontramos cristalizadas ideias sobre o *outro* estrangeiro, fruto de relações interculturais prévias, mas que serão, por sua vez, reforçadas através da própria representação literária. A este propósito atente-se no seguinte:

“Ouve-se muitos viajantes dizer, a respeito de uma experiência num país novo, que não foi o que eles esperavam, querendo significar que não era como um determinado livro disse que seria (...) A ideia, em todos os casos, é a de que pessoas, lugares e experiências podem sempre ser descritos por um livro, de tal modo que o livro (ou texto) adquira mais autoridade e uso do que a própria realidade que descreve” (Said, 2004: 109).

Nesta passagem, Edward Said defende que os livros, com o seu peso simbólico, muitas vezes constroem eles próprios a realidade para que remetam ou sobre que se debruçam. Ao concordar com esta visão, compreenderemos a importância e a força das imagens literárias que neles encontramos e que só são questionadas quando se dá um contacto direto com o *outro*, o que, muitas vezes, pode não chegar a acontecer. Por outro lado, ainda que exista um contacto direto, a realidade é questionada em função das imagens e percepções anteriormente adquiridas - a este respeito é de ressaltar o curioso

parágrafo da autora Hawra Al-Nadawi, na sua *short story* “Under Copenhagen’s sky” (2012: 82):

“When I hear the word «Christian» for example, I picture a pious catholic from Southern Europe. How can a man be an Iraqi and a Christian at the same time? (...) I have not met this stereotype either, true, but it has been put into my head that this is how he is (...) I have been programmed: intellectually, geographically, methodically. Ninety per cent of this programming has been unintentional, the inward-looking rites practised by the community and practised on me, in turn” (Hawra Al-Nadawi, 2012 :82).

A este propósito, Munzer A. Kilani (*apud* Labib, 2007 :12) afirma: “The traveller or the anthropologist does not have a fresh look at the facts before his eyes. His perception of the new is always guided by the prototype whose existence precedes that of the new” – esta afirmação remete para o que já foi identificado como um dos dogmas do orientalismo apontados por Said : o facto de as abstrações sobre o Oriente serem sempre anteriores e muitas vezes preferidas em detrimento de casos concretos ou da observação da própria realidade. A este propósito, Said refere ainda que “tais textos podem criar não apenas conhecimento, mas também a própria realidade que parecem descrever. Com o tempo, esse conhecimento e essa realidade produzem uma tradição, ou aquilo a que Michel Foucault chama «discurso»”. (Said, 2004: 110). Isto significa que, quando em contacto com uma realidade sobre a qual já lemos, iremos percecioná-la de acordo com o discurso pré-existente, dentro dos parâmetros de uma determinada formatação, ainda que a própria realidade os contrarie. Edward Said exemplifica com o conhecido diálogo presente em *The Talisman*, de Walter Scott, em que o cristão se dirige ao muçulmano dizendo: “Não falo assim de ti em particular, sarraceno, mas em geral do teu povo e da tua religião”(Scott *apud* Said, 2004:118).

Com efeito, o forte poder da literatura está bem presente quer na construção de identidades próprias, quer no desenho de identidades alheias. Segundo Anne – Marie Thiesse, “a formação das nações foi preparada pela criação cultural das identidades nacionais (...) numa atividade conjunta de escritores, artistas e eruditos, que elaboraram os patrimónios culturais simbólicos nacionais” (*apud* Cunha, 2008: 10). Itamar Even-Zohar diz-nos que “a literatura teve o papel de criar uma coesão sociocultural através da vinculação a uma língua e literatura específicas e destas à identidade cultural de uma nação, promovendo desta forma um sentimento de solidariedade e disponibilidade”

(idem: 5). Já Carlos Cunha (2008) explica que a literatura e a escrita literária são indissociáveis das crenças e das representações políticas, tornando-se responsáveis pelas construções identitárias, em articulação com o campo do poder.

Ao refletir sobre a construção de uma identidade nacional erguida em herança cultural, será fácil entender que as ideias cristalizadas sobre o *outro* originam também uma forte herança. A diferença está no facto de a imagem relativa à realidade ou alteridade estrangeira surgir de fora para dentro e tantas vezes sem conhecimento direto.

Os livros surgem como recursos altamente profícuos para a observação das relações humanas, sobretudo pelo facto de nos apresentarem estas relações sob um olhar atento e holístico, que considera o *eu* e o *outro*, onde temos acesso às perspetivas das diversas personagens que, muitas vezes, representam o *outro* em relação a *nós* - histórias de viajantes, histórias passadas em lugares que não nos são familiares ou até histórias passadas em “nossa casa”, mas contadas através de um ângulo distinto. A literatura é um meio que nos aproxima do desconhecido.

No entanto, e como sublinha Maria João Simões (2011), nesta aproximação ao desconhecido, a imagologia não se limita à compreensão da estranheza do *outro*, tenta, isso sim, focar-se nos hiatos e pontos comuns que habitam entre esse *outro* e o *eu*. Trata-se de um diálogo que tem como objeto a relação entre os dois sujeitos. No tocante à ficção, Michel Foucault refere que consiste “não em fazer ver o invisível, mas em fazer ver como é invisível a invisibilidade do visível” (apud Simões, 2011:11). Falamos de um meio rico em relações, todas elas repletas de hiatos, fraturas e espaços comuns – “o «eu» só existe nesta interpelação do «outro» em si próprio ou dentro de si próprio e no confronto do «eu» com o «outro»”, diz Maria João Simões baseando-se no filósofo Levinas (2011:24).

Se a imagologia se debruça sobre a representação literária, ela distancia-se das abordagens sociológica e antropológica, embora entre também em diálogo com elas, para as apoiar ou contradizer. No âmbito da imagologia, estamos perante a análise de um discurso, não de factos sociológicos; perante imagens que brotam do olhar dos escritores (afinal, quem melhor que os artistas – em qualquer das dimensões da Arte - para procurar a diferença, uma vez que são aqueles que parecem sentir um apelo incessante pelo estranho, pelo original), do que eles vêem, do que eles estão na expectativa de ver. Assim, a imagologia, diferentemente da sociologia ou da

antropologia, identifica imagens literárias e não factos ou comportamentos sociais e identifica imagotipos literários e não estereótipos. A este respeito, sublinho que o termo imagotipo, por ser específico da imagologia e, por não acarretar o sentido pejorativo a que, frequentemente, o termo estereótipo está associado, será sempre preferível ao longo deste trabalho – embora o cariz negativo não seja característica própria do estereótipo. Maria João Simões explica que, por um lado, o estereótipo apresenta uma certa linearidade para responder ao seu propósito de funcionalidade social - “os estereótipos simplificam, permitem etiquetar depressa e, por isso mesmo, possibilitam reagir rapidamente” (Simões, 2011:32); por outro lado, o imagotipo apresenta uma maior complexidade e um cariz dialógico e relacional que vem da relação do *eu* e do *outro*, pelo que não existe se esta relação não estiver presente. O imagotipo provém, necessariamente, do olhar de uns sobre os outros, das imagens, autoimagens e heteroimagens que daí advêm. Para isso, o desconhecido tem de estar presente e é este embate entre conhecido e desconhecido que é frutífero aos olhos da imagologia, no que concerne ao decifrar de uma identidade em permanente construção, em permanente acumulação e acomodação. De salientar o facto de o imagotipo poder ser desenhado a partir de clichés e estereótipos que resultam de um discurso irónico.

No último capítulo, proceder-se-á a uma análise imagológica de seis *short stories* de autores dos Emirados Árabes Unidos, que têm a mulher como sujeito, i.e., autora das narrativas, ou objeto, protagonista das narrativas. Tentar-se-á, depois de já conhecermos a realidade das mulheres nos EAU e de estarmos ao corrente da receção, no Ocidente, da literatura de lá originária, capturar as imagens que se desenhavam nos interstícios da leitura enquanto ocidentais a ler orientais, nesta aproximação entre sujeitos/realidades culturais distintos. Para isso, ter-se-á em conta, naturalmente, o orientalismo de Said, tentando não cair em perspetivas redutoras e tendenciosamente etnocentristas, mesmo que tal faça parte deste confronto dialético entre culturas.

É importante, pois, que estas imagens sejam contextualizadas e questionadas – talvez esta seja a melhor estratégia para compreender a razão que está por detrás dos preconceitos e generalizações do orientalismo construído a Ocidente.

Capítulo 3 - Literatura árabe traduzida em Portugal

3.1 Literatura árabe na sua generalidade

Ouçamos Edward Said em *Orientalismo*,

“Podemos ler resmas inteiras de páginas sobre o Médio Oriente moderno sem encontrarmos uma única referência à literatura (...) Como um poeta ou romancista árabe – e há muitos – escreve sobre as suas experiências, os seus valores, a sua humanidade (...) perturba de modo eficaz os vários padrões (...) pelos quais o Oriente é representado” (Said, 2004:343).

Ora, ao efetuarmos pesquisa para o CDU 821.411.21,³ referente às literaturas de língua árabe, na Biblioteca Nacional de Portugal (ver anexo 1), verificamos que, num total de apenas 27 registos:

- 6 são do mesmo autor (Khalil Gibran).
- 2 da mesma autora (Siba Shakib).
- 3 constituem estudos sobre literatura árabe ou hispanoárabe (*Literatura do Antigo Egipto*, de José Nunes Carreira, *Literatura Hispanoárabe*, de Maria Jesús Rubiera Mata, e *Textos y obras clásicas sobre la presencia del islam en la historia de España*, de Bernabé López García).
- 1 não é relativo a literatura (*Portugal na Espanha Árabe*, de António Borges Coelho).
- 1 parece não estar ligado de nenhuma forma (nem a obra, nem a autora) à literatura árabe (*Quando o papá voltar*, de Toni Maguire).
- 1 é da autoria de um arabista português (*Irão: viagem ao país das rosas*, de Adalberto Alves), por sinal vencedor do prémio Sharjah para a Cultura Árabe,

³ Mais à frente, utilizaremos o CDU 821.411.21 (536.2) correspondente à literatura dos Emirados Árabes Unidos. Trata-se de uma atualização mais recente e especificada da Classificação Decimal Universal (CDU) que procura justamente ir ao encontro de uma nova distribuição por nações, Segundo uma geopolítica emergente, ou seja, incluindo literaturas emergentes, resultantes de processos de independência política.

criado pela Unesco em 1998.

- 5 dos 27 registos correspondem a histórias de vida que relatam casos de injustiça, violência e opressão, por vezes perpetrados dentro da esfera doméstica das autoras (*Desfigurada*, de Rania Al-Baz, e *Meu amo e senhor*, de Tehmina Durrani), ou provocados por desavenças religiosas ou pela guerra (*Blasfémia*, de Asia Bibi; *Deus veio ao Afeganistão e choro, a história de Shirin-Gol e Samira e Samir*, de Siba Shakib; *O diário de Thura: a vida de uma jovem iraquiana num país devastado pela guerra*, de Thura Al-Windawi).

É notória a falta de quantidade e variedade de registos. Ora, importará ter em conta que:

- 1) Tehmina Durrani, autora de *Meu amo e senhor* e Uzma Aslam Khan, autora de *Transgressão*, são paquistanesas, o que significa que não são árabes (serão, porventura, islamitas, já que se trata de um país, na sua maioria, muçulmano).
- 2) Asia Bibi é uma mulher cristã de origem paquistanesa que, em *Blasfémia*, conta um relato de vida relacionado com a intolerância religiosa.
- 3) Siba Shakib é iraniana e a história das suas duas obras que constam desta lista desenrola-se no Afeganistão que, à semelhança do Irão, não é um país de etnia (maioritariamente) árabe.
- 4) Adalberto Alves é um conhecido arabista português, mas a obra *Irão: viagem ao país das rosas* é, como o próprio título o indica, passado no Irão, país não árabe.
- 5) *Contos do país dos sufis*, de Mojdeh Bayat e Mohammad Ali Jamnia (autores iranianos, logo de um país maioritariamente persa) remete imediatamente para o islamismo (não para o arabismo), já que o sufismo é uma corrente mística desta religião.

Assim se compreende que, indo ao encontro do que foi já referido sobre a frequente confusão entre as dimensões étnica, religiosa e cultural, no âmbito da literatura se verifica o mesmo constrangimento.

De um total de 27 autores, 6 são confundidos nas suas dimensões étnica, cultural e religiosa (exclui-se o caso de Adalberto Alves já que, neste caso, não se trata da sua

identidade religiosa e/ou cultural, antes da confusão acerca do assunto sobre o qual versa a sua obra *Irão: viagem ao país da rosas*) e, destes, 5 correspondem a autoras mulheres - além destas, a pesquisa só inclui mais 5 nomes femininos, sendo que, no total, apenas 3 correspondem a autoras árabes. Tais resultados parecem sugerir que, de alguma forma, a pesquisa por literatura árabe se cinge um pouco à questão da condição da mulher (islamita). Será, a opressão da mulher um lugar comum na (recepção da) literatura árabe, novamente por sinonímia redutora entre árabe e Islão?

Este corpus afigura-se muito limitado em vários aspetos, sobressaindo, para além do que já foi referido, o facto de o número de publicações literárias de autores árabes ser muito reduzido: Ahmadi's Mas'ood, Mahmud Darwich, Rania Al Baz, Thura Al Windawi, Salwa al Neimi; Khalil Gibran, Ali Ahmad Said, Rachid El-Daif e Elias Khoury.

Efetuando a pesquisa por “literatura em árabe”⁴ desta vez numa biblioteca pública do Dubai (a pesquisa foi efetuada por assunto já que, nesta biblioteca, não há possibilidade de utilizar o CDU), os resultados que surgem diferem bastante em termos de número, género literário e tema – ver anexo 2.

Analisando os resultados desta pesquisa, concluímos que, dos 54 resultados (que, efetivamente, são 53 já que há um registo que se repete), e de um total mais preciso de 43 autores:

- Apenas cerca de metade (24) é árabe, incluindo duas autoras com dupla nacionalidade, Samia Mehrez (França e Egito) e Wadad al-Qadi (Estados Unidos e Líbano).
- Dos 32 autores do sexo masculino, 18 são de origem árabe (Arábia Saudita, Egito, Líbano, Emirados Árabes Unidos, Tunísia, Palestina, Síria, Marrocos, Yémen, Sudão) e 14 são não-árabes.
- Das apenas 11 autoras do sexo feminino, 6 são árabes (Egito, Jordânia, Palestina, Líbano, Síria, Cisjordânia), contando com as duas autoras com dupla nacionalidade já mencionadas, e 5 não-árabes.

⁴ Chamo a atenção para o facto de, selecionando o termo “arab literature” (que remete para a dimensão cultural e étnica), os resultados serem muito mais reduzidos (apenas 2) do que fazendo a pesquisa através de “arabic literature” (dimensão linguística), que apresenta 54 resultados.

Estes resultados indicam que, aproximadamente, 74% dos autores são homens e 26% autoras do sexo feminino. De entre os 32 homens, 56% são árabes; no caso das autoras, a percentagem é de 55%, valores que se aproximam (no entanto, em valores absolutos, o número de autoras árabes é bastante reduzido quando comparado com o número de autores árabes).

De destacar o facto de, considerando que a pesquisa foi realizada numa biblioteca pública do Dubai, ser evidente a falta de títulos de autores locais: apenas Shihab M. Ghanem é oriundo dos Emirados Árabes Unidos. Mais curioso ainda será o facto de, pesquisando por “emirati literature” ou “literatura dos Emirados Árabes Unidos”, não serem apresentados quaisquer registos.

Em suma, nestes valores é evidente que: 1) na biblioteca pública do Dubai, só um dos registos apresentados é relativo à literatura dos EAU quando pesquisamos por “literatura em árabe” e não existem resultados quando a pesquisa é feita por assunto “literatura dos EAU” ou “emirati literature”⁵; 2) pesquisando por “literatura em árabe”, metade dos autores apresentados não são árabes; 3) há uma clara maioria de homens autores quando comparado com o número de mulheres.

Se, na pesquisa anterior, efetuada na Biblioteca Nacional de Portugal, o problema é a falta de quantidade e variedade dos resultados, não pode dizer-se que, nesta nova pesquisa, apesar de serem apresentadas mais obras, de vários géneros e sobre vários temas, os resultados abundem, ao contrário do que seria expectável; no entanto, se na pesquisa anterior a confusão entre árabe e islamita é evidente, o mesmo não se verifica neste caso. Desta vez, porém, não seria de esperar que os resultados se limitassem a 24 autores de origem árabe.

Deparamo-nos, portanto, com quatro principais constrangimentos, a saber:

- 1) A confusão entre “árabe” e “muçulmano”. É curioso que esta confusão acontece maioritariamente no caso de autoras do sexo feminino (autoras de países muçulmanos não-árabes, como o são o Irão e o Paquistão), pelo que não se trata apenas da confusão entre os conceitos de diferentes naturezas de árabe e muçulmano, mas também provavelmente da associação entre o Islão e a repressão das mulheres, assunto já referido anteriormente. A este propósito, destaco uma

⁵ Embora também não se encontrem registos ao pesquisar, por exemplo, por “literatura libanesa”.

entrevista com a autora paquistanesa Uzma Aslam Khan em que esta declara ter sentido alguns entraves aquando da publicação do seu livro:

“Some years ago, a publisher tried to put a cover of a veiled woman on my novel, *Trespassing*. I fought that cover and finally had it changed. But at some cost to myself. So, to answer your question, do I feel pressured to conform? No. Does the pressure exist? Yes. And the particular type of pressure outlined here is put on writers who happen to be women. Slurpy tales with sensational titles like “Married by force” still adorn the front displays of major bookstores and covers with eyes behind a veil continue to multiply like bunnies.”⁶

- 2) A reduzida quantidade de obras traduzidas, quer na Biblioteca Nacional portuguesa, quer na biblioteca pública do Dubai.
- 3) Os quase inexistentes resultados para literatura dos Emirados Árabes Unidos – apenas um, na biblioteca pública do Dubai.
- 4) O parco número de autoras do sexo feminino (em comparação com o número de autores).

Estes aspetos poderão ser, porventura, consequência de um desconhecimento por parte do Ocidente relativamente ao que é produzido, em geral, no Oriente. Recorde-se que não estamos perante o problema da falta de produção literária árabe: quer na biblioteca pública, quer numa livraria internacional no Dubai, a secção destinada à literatura árabe em língua árabe é notoriamente mais ampla do que a secção de literatura árabe em inglês – de facto, a escassez de traduções pode representar, além de acarretar por sua vez, o principal obstáculo à receção da literatura árabe. Regressaremos a este ponto no capítulo seguinte.

Feita a apresentação dos resultados das pesquisas efetuadas, impõe-se ressaltar os seus limites pelo facto de alguns dos autores surgirem indexados às literaturas nacionais e não à literatura árabe no seu todo.

⁶ Uzma Aslam Khan *apud* Awais Aftab (2012)
<http://www.thefridaytimes.com/beta3/tft/article.php?issue=20121026&page=20> [Consultado a 19/01/2015].

3.2 O caso da literatura dos Emirados Árabes Unidos

Concentrando-nos agora mais especificamente na literatura dos Emirados Árabes Unidos, deparamos que existe uma abismal ausência de registos em ambas as pesquisas. Ao efetuar pesquisa no catálogo da Biblioteca Nacional através do CDU 821.411.21 (536.2), correspondente à literatura local dos Emirados, a aleatoriedade de títulos é notória: nenhum é da autoria de escritores dos Emirados Árabes Unidos, sobre a literatura local ou até sobre a história e cultura do país.

Numa tentativa de explicar esta escassez e aleatoriedade, são propostas três razões:

- 1) Pouco interesse ou pouca abertura, em geral, relativamente à literatura produzida no chamado Médio Oriente e, por conseguinte, poucas traduções dessa área geográfico-cultural.
- 2) A emergência da literatura dos Emirados Árabes Unidos que tem, como país independente, uma história muito recente.
- 3) O desenvolvimento rápido e intenso que os Emirados Árabes Unidos sentiram nas últimas décadas, marcado por uma forte vontade de criar uma imagem sólida a nível mundial, mas com especial interesse nas áreas do desenvolvimento económico e social - “Up until then the Emirates had been associated with wealth, architectural wonders like the tallest building in the world, Burj Al Khalifa or the Burj al-‘Arab Hotel in the shape of a sail”, refere Barbara Michalak-Pikulska (2012:7).

Ora, o nº 42 da revista *Banipal*⁷, cujo título é “New writing from the Emirates”, vem mostrar que, contrariamente ao que poderia ser deduzido considerando apenas a pesquisa efetuada na Biblioteca Nacional de Portugal, existe produção literária nos Emirados Árabes Unidos (ver anexo 3), ainda que se trate de um país recente e que, tal como já foi referido, esteve particularmente voltado, durante um certo período de tempo, para o desenvolvimento económico e social. Para além dos poemas, *short stories*

⁷ A *Banipal* foi fundada em 1998 por Margaret Obank e Samuel Shimon e apresenta autores árabes traduzidos para o inglês. A *Banipal* publica autores árabes que escrevem não só em árabe, mas também em inglês, francês e alemão, dando a conhecer toda a sua realidade.

e excertos de obras de 26 autores, o número 42 da revista *Banipal* dedica duas páginas ao autor Mohammad Al Murr – “ [who] was the first contemporary writer of fiction from the Gulf region to acquire a reputation outsider the Gulf, indeed beyond the Arab world”, diz Peter Clark (Clark, 2011: 102). De sublinhar que, no entanto, deste conjunto de 26 autores (12 homens e 14 mulheres), apenas 4 foram traduzidos internacionalmente⁸.

Também o Beirute39 project (projeto de colaboração entre o Festival Hay, o World Book Capital de Beirute, a revista *Banipal* e o Consulado britânico, entre outros), destinado a dar a conhecer os 39 autores árabes mais proeminentes com idade máxima de 39 anos, não inclui, na sua lista, um único autor árabe proveniente dos EAU – “The work of Qalam, the literary project from the Abu Dhabi Authority for Culture and Heritage that aims to support UAE creative writers at the international stage, proves that the authors are there. But recognition of Emirati creativity, within the wider region, remains lower that perhaps it should be”.⁹ Ishaq Tijani aponta : “while there are many anthologies of modern Arabic fiction in translation, a large majority of them do not include Emirati stories (...) Even the anthologies dedicated to the Arabian Gulf *short story* reflect this phenomenon” (Tijani, 2014:133)

A título de exemplos daquilo que acaba de ser apontado, tomemos a antologia da autoria de Deborah S. Akers e Abubaker A. Bagader, que inclui 49 *short stories* de autores da região do Golfo Pérsico, sendo que apenas 4 são dos Emirados; na antologia da autoria de Dalya Cohen-Mor, que inclui 60 histórias de autoras árabes, apenas uma autora dos EAU marca presença; na antologia *Under the Naked Sky: short stories from the arab world* de Denys Johnson-Davies, que contém 30 criações, apenas uma é dos Emirados. Para além destes exemplos já por si eloquentes, Ishaq Tijani (2014) atenta no facto de ser muito difícil encontrar, por exemplo, coleções de *short stories* (género narrativo muito popular nos EAU), tanto no original como em traduções.

⁸ Salvo eventual falha, uma vez que esta informação foi conseguida através de uma pesquisa online. Ressalvo o facto de estarem a ser consideradas traduções para além daquelas que foram efetuadas para o citado nº 42 da *Banipal*.

⁹ Samuel Shimon *apud* Ben East (2011) <http://www.thenational.ae/arts-culture/books/emirati-writers-are-gathering-force> [Consultado a 02/03/2015].

De facto, e a este propósito, Samuel Shimon, cofundador e editor da revista *Banipal*, refere: “when we announced this issue [a publicação “New Writing from the Emirates]”, we got quite a lot of strange comments from Arab intellectualls doubting the merits of an Emirati literary scene, or even the idea of a scene at all”.¹⁰

Face a este desconhecimento, quer por parte do Ocidente, quer por parte do próprio Oriente, da cena literária dos Emirados Árabes Unidos, levanta-se a seguinte questão: estaremos perante uma falta de interesse, dos próprios EAU, em promover a sua cultura, neste caso em particular no tocante à produção literária, ou, por outro lado, perante um desinteresse, do exterior, em conhecer esta outra dimensão do país, não tão óbvia como as suas atrações turísticas e o seu contexto económico e financeiro?

A este propósito, sublinho o que diz Barbara Michalak-Pikulska:

“In travelling to the United Arab Emirates I had no idea as to the richness of its cultural-literary life (...) there, however, it turned out that authorities are conducting a full-scale policy on culture. Numerous institutions have been founded to support film, theatre, literary and musical events. Libraries and literary salons are being created, supported by leading figures from cultural life. Book faires are one of the most important cultural events in the Emirates” (2012:7).

De facto, os EAU têm mantido a cena literária bastante ativa, o que contrasta com o desconhecimento exterior que se verifica. É verdade que, após a sua independência, e numa primeira fase, o país esteve quase exclusivamente dedicado ao crescimento económico e social; no entanto, atualmente, existem bastantes incentivos para a promoção da cultura local. Passemos a uma breve apresentação destes incentivos:

1) Entidades de apoio à cena literária:

- Abu Dhabi Authority for Culture and Heritage (ADACH), responsável pela organização de eventos como, por exemplo, o Abu Dhabi International Book

¹⁰ Samuel Shimon *apud* Ben East (2011) <http://www.thenational.ae/arts-culture/books/emirati-writers-are-gathering-force> [Consultado a 02/03/2015].

Fair. Atualmente, e desde 2010, está integrada na *Abu Dhabi Tourism and Culture Authority* (ADTCA).

- *Abu Dhabi Music and Arts Foundation* (ADMAF) - “is a non profit organisation established to advance classical music, the arts, education, culture, and creativity among the nationals and residents of Abu Dhabi”¹¹. Foi criada em 1996.
- *Dubai Culture and Arts Authority*: criada em março de 2008 pelo Vice-Presidente dos EAU e Primeiro-Ministro do Dubai, Sheikh Mohammed Bin Rashid Al Maktoum, tem como missão “to enrich the cultural scene by maintaining a sustainable cultural ecosystem while preserving the Emirati Heritage and nurturing talents to enhance cultural diversity and social cohesion”¹².
- *Emirates Literature Foundation*: criada em 2013, tem como missão “to support and nurture literature within the community and the region by creating a welcoming and inclusive platform through a programme of varied cultural initiatives”¹³.
- *Dubai International Writer’s Centre*: criado em 2014, é parte integrante da Emirates Literature Foundation – “is the first all-inclusive celebration of the written word in all its forms (...) with a year-round programme of events catering to the multicultural and multinational communities living in the region”¹⁴.
- *International Prize for Arabic Fiction* (IPAF) – lançado no ano de 2007 com o apoio do Booker Prize Foundation, mas que nunca incluiu, até agora, nas suas listas finais, qualquer autor dos Emirados.

¹¹ <http://www.admaf.org/en> [Consultado a 20/06/2015].

¹² <http://www.dubaiculture.gov.ae/en/Pages/default.aspx#story> [Consultado em 20/06/2015].

¹³ <https://www.emirateslitfest.com/overview/the-emirates-literature-foundation/> [Consultado a 20/06/2015].

¹⁴ <http://www.diwc.ae/en/about>. [Consultado a 20/06/2015].

- *Emirates Novel Award* – “Initiatives such as this underpin Abu Dhabi’s commitment towards preserving and raising awareness of the UAE’s rich culture through literary projects”¹⁵. Foi lançado em 2013.
- *Sharjah Department of Information and Culture (SDIC)*: criado em 1981, constituiu uma das mais importantes entidades ao nível da publicação de obras literárias e dissertações académicas e publicou a revista literária *The Stream*.
- *Emirates Writers’ Union*: criada em 1984 em Sharja, esta organização, para além de dar vida a fóruns literários, também publica obras dos seus membros e uma revista literária mensal, a *Literary Affairs* que data de 1987.

2) Programas e projetos de apoio à cena literária:

- *Dubai International Programme for Writing*: lançado em 2013, visa formar e treinar jovens autores com o objetivo de aumentar o número de publicações nacionais.
- *Books – Made in UAE*: criado em 2012 pelo Instituto Goethe em parceria com o UAE Board on Books For Young People (UAEBBY), pretende promover a indústria local dos livros infantis através da formação de jovens escritores e ilustradores no processo criativo de produção de livros infantis em árabe.

3) Festivais Internacionais de Literatura:

- *Emirates Airline Festival of Literature*: foi lançado em 2009 e é considerado o maior festival de literatura do Médio Oriente.

“while the Dubai sponsored international, intercultural literature festival is targeted primarily at sparking contemporary Emirati youths’ interest in reading and writing, the event also serves to promote the UAE and project its image as not only the leading business

¹⁵ <http://www.khaleejtimes.com/kt-article-display->

1.asp?xfile=data/nationgeneral/2013/June/nationgeneral_June327.xml§ion=nationgeneral [Consultado a 20/06/2015].

and tourism hub of twenty-first century Middle East, but also, an emerging meeting point for the promotion of what can be called «global literature»” (Tijani, 2014: 125).

- *Sharjah International Book Fair*, lançada no ano de 1982.
- *Abu Dhabi Internacional Book Fair*, lançada em 2007 pela KITAB, uma parceria entre a ADACH e a Frankfurt Book Fair, mas que já existe desde 1990.

4) Outro tipo de incentivos:

- O “carimbo” Emirati literature: a denominação de “Emirati writer” visível, por exemplo, no livro de Alia AlHazami, *Alatash*, parece mostrar a necessidade de afirmação da literatura nacional dos Emirados (ver anexo 4).
- Escrita em inglês: “The new poets, and writers from my generation, are more active and productive in publishing. We also have a lot of young poets who write directly in English”¹⁶, explica o poeta Adel Khozam.

Constata-se que, de facto, os incentivos e a promoção da literatura local existem, embora a maioria deles seja muito recente. Talvez por isso, como defende Aisha Sultan, o interesse perante aquilo que é produzido nos Emirados Árabes Unidos tenha vindo a sentir um crescimento gradual. No entanto, Sultan alerta para alguns problemas, conhecidos também noutras paragens: “The biggest challenge is the high cost of printing and a lack of strong support for Emirati publishers along with the weak marketing and distribution process. This area needs from the government as well as professional marketing and distribution companies”¹⁷.

Parece portanto que o problema reside em tornar a literatura dos Emirados Árabes visível, fazendo-a circular dentro e fora das suas fronteiras. Um dos maiores contrangimentos a este nível será, naturalmente, aquele que tem que ver com a dificuldade e os limites da tradução a partir do árabe.

¹⁶ http://vision.ae/articles/spreading_the_word_of_emirati_literature. [Consultado a 20/06/2015].

¹⁷ <http://gulfnews.com/culture/books/it-s-vital-to-support-emirati-writers-1.1532818> [Consultado a 20/06/2015].

3.3 Os limites da tradução

Centremo-nos agora na contingência da tradução para o caso da literatura dos EAU. Segundo Lawrence Venuti (1998), o processo de tradução é frequentemente questionado pelo facto de “domesticar” textos estrangeiros, imiscuindo-lhes valores culturais e linguísticos próprios da cultura de chegada. Segundo o autor, “This process of inscription operates at every stage in the production, circulation, and reception of the translation. It is initiated by the very choice of a foreign text to translate” (1998:67).

A este propósito, regresso à questão equacionada pela autora Uzhma Aslam Khan sobre a euforia em torno das capas de mulheres tapadas com véus, bem como ao facto de uma pesquisa direccionada para a literatura árabe resultar em alguns títulos de livros de histórias de vida de mulheres não-árabes mas, muito provavelmente, muçulmanas. Esta confusão entre os termos *muçulmano* e *árabe*, ao mesmo tempo consciente e inconsciente, torna visível o desconhecimento do Ocidente no tocante aos diversos contornos do Oriente e, mais ainda, a vontade de o mostrar através de determinado ângulo – o de uma cultura opressiva. Regressamos, pois, ao orientalismo de Edward Said ou ao confronto entre: Ocidente/EAU e Oriente/Islão de que Célia Rodrigues trata no estudo já antes referido.

Ainda a este propósito, lembre-se aqui o artigo de Susan Bassnett “Translating Terror” (Bassnett, 2005: 393): a ensaísta questiona a escolha na tradução de um comunicado da Al-Qaida (originalmente em árabe) para o inglês “the cars of death will not stop”. Bassnett sublinha: “ «Car bombs» is the phrase we use every day, it is the phrase that we understand, it has become a reality over several decades of terrorism. But “cars of death” is quaintly old-fashioned, stilted – in short, foreign” (*ibidem*); A autora dá mais exemplos:

- O tom apocalítico do comunicado “here are now the cars of death reaping (the souls of) the allies of the tyrant of the era everyday” que, diz, torna-se ainda mais apocalítico pela adenda do autor dentro de parênteses.
- O tom fundamentalista e arcaico em que são traduzidas as frases “To purify all islamic land from the filth of the Jews and Americans (...)” e “ For America to stop interfering between us and the tyrannical governments which rule Muslims and for us to set up an Islamic caliphate (state)”.

- O uso do vocativo “O, Bush, what have you done to America and its allies” e “O Islamic nation, you must support the mohajedin to victory...”.
- As ameaças tão explícitas em “ By God, Bush, you’ve fallen into a trap as we planned” e “By the will of God, America will soon look for someone to protect it”.
- A constante presença da dimensão religiosa neste comunicado.

Neste caso em particular, o tradutor optou por uma estratégia de estrangeirização, traduzindo para o inglês, “fielmente”, o estilo do original árabe, o que, no contexto da língua de chegada, resulta a um tempo antiquado e claramente apocalítico, exacerbando pela própria tradução, o potencial terrorista do próprio comunicado. Como recorda Bassnet, a tradução nunca é um ato isolado, provém, isso sim, de um *continuum* de contactos entre fronteiras, de uma dimensão histórica – “translations are continuations of texts through space and through time”(Bassnett, 2005: 398) que, naturalmente, vão muito além das questões linguísticas. Nesse sentido, o tom apocalítico, a preferência pelos termos antiquados “cars of death” e “califado” e a retórica inflamada e repleta de ameaças vão ao encontro das expectativas ocidentais relativas ao Oriente. As memórias não se apagam, as imagens de leitores e escritores (e isto vai ao encontro do que foi tratado no segundo capítulo sobre a imagologia literária) cristalizam e, assim, determinam aquilo que é escrito e aquilo que é lido – no caso da literatura árabe e dos Emirados Árabes Unidos em particular, podemos acrescentar que determina também aquilo ou que não foi ainda escrito ou aquilo que não é lido.

Assim, Bassnett conclui que, mais importante do que as estratégias de tradução adotadas (a aculturação ou a estrangeirização), o que determina as relações de poder implícitas nos processos de tradução (e não só) são as expectativas do público e uma história bastante sólida e assente numa forte tendência para a hierarquização (no caso do Ocidente). Bassnett conclui, questionando-se “Given such a history, would whatever strategy employed by the translator of the Al-Qaida message, domesticated or foreignized, make much difference?” (*idem*: 403). A questão a considerar são as expectativas do público: a literatura (e as traduções) criam as imagens e, consequentemente, as expectativas, num ciclo que pode dizer-se vicioso.

A propósito das estratégias de tradução, convirá não esquecer que “no single translation strategy can be associated with the exercise of oppression or the struggle for resistance; no single strategy is *the* strategy of power” (Gentzler e Tymoczko, 2002: xx). Por outras palavras, a tradução, no seu percurso histórico e desenvolvimento técnico, não pode ser vista como meio para servir apenas os grupos detentores do poder ou os grupos desprovidos deste, antes, dependendo do contexto (e não só das estratégias utilizadas, tais como a aculturação e a estrangeirização), como uma espécie de “arma” utilizada por ambos os sujeitos, em diversas situações, com objetivos diferentes. Significa isto que, tal como foi referido no segundo capítulo, acerca da imagologia, os fragmentos dos discursos provenientes da tradução são fundamentais para a análise do percurso do processo tradutivo - as interações dos discursos, os seus interstícios e fragmentos, a sua heterogeneidade e inconsistência e, também, aquilo que fica por traduzir, completam a análise dos processos de tradução. Trata-se de analisar não apenas os discursos, mas também a linha que os une nas suas interações, embates, fragmentos e silêncios – “most contemporary translation studies scholars view the process of translation as heterogeneous, with different issues addressed by different places, depending on the specific historical and material moment” (Gentzler e Tymoczko, 2002: xx). De facto, para além de analisar as estratégias de tradução utilizadas, importa identificar os imatopos que emergem desta dinâmica inerente aos processos de tradução, que criam expectativas e que, no final de contas, irão perpetuar os discursos sobre determinada cultura. Bem a propósito, Gentzler e Tymoczko (2002) sublinham a crítica de Dennis Porter (1983) ao *Orientalismo* de Edward Said que, diz Porter, apresenta o discurso ocidental sobre o Oriente através de uma perspetiva unificada e homogénea, sem atentar aos fragmentos, contradições, ausências e inconsistências que giram à sua volta e que, se equacionados, tornariam este discurso sólido num discurso heterógeneo e dinâmico, assente num conjunto de diversos elementos em interação.

Por entre estes interstícios vão criando-se imatopos e, segundo Venuti “In creating stereotypes, translation may attach esteem or stigma to specific ethnic, racial, and national groupings” (Venuti, 1998:67).

Para uma possível análise paratextual, tenhamos em conta as capas de mulheres escondidas atrás de um véu que, tal como refere Uzma Askam Khan¹⁸, proliferam nas prateleiras das livrarias de todo o mundo: certamente irão perpetuar a imagem da mulher árabe/muçulmana silenciada e escondida por um véu que, ao mesmo tempo, traz consigo uma conotação de sensualidade, remetendo-nos imeditamente para as imagens dos haréns que sempre foram marcando presença na literatura internacional – já Eça de Queirós – lembre-se – a elas fazia referência em *Egito*:

“Naquela sala, por trás da gelosia cerrada, não repousará uma moça árabe, sobre coxins, naquelas atitudes convencionais e cheias de provocação que amava o pintor Ingres? Não se estará ali dançando, no fundo daqueles interiores macios, a grande e lasciva dança da *Abelha*?” (Eça de Queirós, *n.d.*: 103).

No entanto, como tem vindo a ser referido, é não só a partir daquilo que é dito, mas também do que é, ou não, traduzido que são criados os imagotipos. No caso da literatura árabe em geral, e mais concretamente da literatura dos Emirados Árabes Unidos, aquilo que não é dito e/ou traduzido também desenha imagens que, não sendo desconstruídas ou desmistificadas, vão cristalizando. O vazio e o desconhecimento são, em si mesmos, fatores que fortalecem os imagotipos e a perpetuação de ideias que nem sempre correspondem à verdade – não há novos factos e opiniões, perspetivas e narrativas que nos conduzam a uma imagem mais próxima da realidade em questão. No estudo das traduções, devemos, portanto, atentar não só ao que é traduzido, mas também ao que não o é, contextualizando cada tradução e considerando a forma como uma cultura dominante marginaliza culturas minoritárias – “thus, silences (...) are often critical in understanding the workings of power in translation and in culture”, dizem Gentzler e Tymoczko (Gentzler e Tymoczko, 2002: xxi). Assim, a tradução não se limita a ser um ato de reprodução mas, e isso sim, um ato deliberado de seleção, organização e fabricação:

¹⁸ Uzma Aslam Khan *apud* Awais Aftab (2012)
<http://www.thefridaytimes.com/beta3/tft/article.php?issue=20121026&page=20> [Consultado a 19/01/2015].

“And even, in some cases, of falsification, refusal of information, counterfeiting, and the creation of secret codes. In these ways translators, as much as creative writers and politicians, participate in the powerful acts that create knowledge and shape culture” (Gentzler e Tymoczko, 2002 : xxi).

Trata-se de uma perspectiva intercultural dos processos de tradução que, anteriormente, eram analisados apenas sob o ponto de vista da linguística e hermenêutica - “ significant transformations inevitably occur in the course of their demand and re-contextualisation, be it through the material or structural changes that go with the linguistic border-crossing, or through semantic shifts due to a diferente interpretative access” (Stockhorst, 2010: 23). Este modelo de transferência cultural, assente na análise das relações interculturais, vem no sentido de alcançar significados latentes o que, através de uma análise meramente linguística, não seria possível. O ponto de viragem nos estudos da tradução deu-se a partir do final da última década de 80, altura em que começam a debater-se questões como:

Quem está por trás da escolha das obras a serem traduzidas (académicos, editores, políticos)? Quais os interesses que motivam esta escolha e/ou a falta dela (académicos, comerciais, políticos)? Quais as técnicas de tradução utilizadas e qual a receção no país de chegada?

No tópico da tradução, sublinho a importância de Denys Johnson-Davies para a literatura árabe contemporânea – “when it comes to modern Arabic literature available in English, it’s hard to think of anything that Denys Johnson-Davies has not done”, salienta Khaled Mattawa (2012:56). Johnson-Davies iniciou a sua carreira de tradutor com um volume de *short stories* do autor egípcio Mahmud Taymur, ao qual se seguiram mais trinta de volumes, sobretudo de obras em prosa (traduziu, por exemplo, o prémio Nobel Naguib Mahfouz) mas também poesia (por exemplo, o autor e poeta da Palestina, Mahmud Darwish). Foram, contudo, as *short stories* o seu principal foco.

Mark Linz (2012), acerca do tradutor, diz que criou “a unique and long-lasting legacy in support of a wider and deeper understanding between the Arab world and the rest of the human community” (Linz, 2012: 58). Margaret Obank (2012) recorda quando, no início da década de 90, numa entrevista que fez a Johnson-Davies, este lamentava a falta de motivação dos tradutores do árabe para o inglês. Segundo Obank, muito mudou entretanto, estando o mundo da tradução do árabe quase irreconhecível –

estas transformações, diz, são responsáveis pela explosão da criatividade literária que o mundo árabe tem vivido. Nesse sentido, destaca: “Denys has been one of the unwitting catalysts for change by persevering with translating and bringing to the Anglophone world an array of interesting, powerful writers” (Obank, 2012: 67).

Por conseguinte, vemos confirmado o papel do tradutor que é, segundo Gentzler e Tymoczko (2002), o de mediador: se, por um lado, representa o *status quo*, por outro dá a conhecer novos discursos:

“Rather than see this as a necessarily compromised position, we see the translator’s double role as a strength (...) many formerly colonized peoples find themselves empowered, participating in the construction of new nation-states and negotiating across borders with other emerging nations” (Gentzler e Tymoczko, 2002: xix).

No papel de mediador de culturas, o tradutor pode influenciar as complexas relações interculturais: as “novas nações” (como, por exemplo, os Emirados Árabes Unidos), começam a fazer-se ouvir e a criar a sua identidade dentro e fora das suas fronteiras.

Retomando Lawrence Venuti (1998) : “In the long run, translation figures in geopolitical relations by establishing the cultural grounds of diplomacy, reinforcing alliances, antagonism, and hegemonies between nations.” (Venuti, 1998:67). Parece legítimo interrogarmo-nos se as recentes tensões entre o mundo ocidental e o mundo árabe e muçulmano, nomeadamente a partir do 11 de Setembro de 2001, não estarão na base da escolha particular de textos árabes e/ou muçulmanos para tradução, confundindo-os, numa tentativa de justificar a onda de xenofobia e racismo que se tem propagado contra este Oriente? Isto muito particularmente no tocante às capas de livros de mulheres escondidas atrás de véus, que perpetuam, solidificam, a ideia da mulher oprimida devido, essencialmente (e erradamente, como já houve oportunidade de salientar) ao Islão que nem todos os árabes professam.

Por outro lado, este conflito que tem vindo a intensificar-se, entre Ocidente e Oriente, pode, ao mesmo tempo, suscitar maior curiosidade em saber quem é aquele *outro* que está no lado oposto. Para exemplificar, entre os 27 resultados da pesquisa efetuada na Biblioteca Nacional de Portugal, apenas 7 foram publicados/traduzidos

antes da data que marca o conflito Ocidente/Oriente, o 11 de Setembro de 2001; relativamente aos resultados obtidos na pesquisa por “literatura em árabe” na biblioteca pública do Dubai, cerca de metade é publicado/traduzido em inglês no pós-2001. Assim, a data do 11 de Setembro pode, efetivamente, ter marcado uma viragem na perspetiva em que o *outro* (árabe) é equacionado: se por um lado, tenta justificar a desconfiança ocidental face a este desconhecido e, por isso, afastá-lo, por outro lado, a curiosidade em conhecê-lo parece ter despertado. Considerando estes dois posicionamentos, rapidamente se conclui que a proliferação de traduções de livros sobre testemunhos de vida e/ou que exibem capas de mulheres cobertas por véus, é muito expectável: procura saciar a curiosidade suscitada pelo *outro* e, ao mesmo tempo, justifica a desconfiança perante ele.

Capítulo 4 - Uma realidade emergente: a literatura dos Emirados Árabes Unidos

A produção literária dos Emirados Árabes Unidos é recente, assim como o seu reconhecimento sociocultural. O país é imediatamente associado à riqueza, ao consumo, ao turismo, às grandes obras arquitetônicas (como o edifício mais alto do mundo, Burj Khalifa, ou o hotel mais luxuoso, Burj Al-Arab), mas pouco ou quase nada se sabe acerca da sua produção cultural e, particularmente, literária. No entanto, de acordo com Ishaq Tijani, “contrary to the general perception in academia (East and West), contemporary Emirati Literature is not inferior to its counterparts in the Gulf and wider arab region; and that Emirati women are as active as their male compatriots in literary production” (Tijani, 2014: 121).

A literatura árabe moderna conta com aproximadamente dois séculos, mas tal não se aplica aos países do Golfo. Nesta região, o Kuwait e o Bahrain viram a sua produção literária iniciar-se mais cedo do que os restantes estados: Omã, Qatar, Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos. Segundo Ishaq Tijani (2014), é difícil, devido à falta de documentação, descrever o desenvolvimento da literatura árabe proveniente da região que pertence agora aos Emirados Árabes Unidos no período clássico da civilização árabe; destaca-se contudo um dos maiores poetas locais de sempre, Ahmand ibn Majid, originário do atual Emirado Ras al-Khaimah, que viveu no século XV.

Tijani (2014) observa que o nascimento da literatura contemporânea dos Emirados data da década de setenta (por ocasião da unificação e independência do país), com exceção da poesia moderna que deu os primeiros passos em inícios do século XX. O autor identifica diversos fatores que facilitaram o desenvolvimento da produção literária nacional, sendo que o de maior destaque terá sido o desenvolvimento da educação. Até inícios do século 20, o ensino da lei Corânica (a *kuttab*) correspondia ao sistema formal de ensino a que as crianças tinham acesso até que, entre as décadas de 20 e 30, abriram as primeiras escolas de ensino primário e básico ao estilo ocidental em Abu Dhabi, no Dubai e em Sharjah. Pouco depois foram criadas escolas nos restantes Emirados, mas os alunos continuavam a ter de se deslocar até ao Kuwait, Iraque, Bahrain e Qatar para terem acesso ao ensino secundário. Na década de 50, o Kuwait providenciou assistência técnica ao sistema educativo dos EAU, enviando professores

para as suas escolas. Mais tarde, em 1977, foi fundada a primeira universidade – United Arab Emirates University – em Abu Dhabi. Foi aqui que a maioria dos autores contemporâneos de literatura local estudou.

Daqui se conclui que a literatura dos Emirados se vê faseada em três momentos essenciais: 1) a geração do início do século 20, que não possuía formação escolar; 2) a geração de meados do século 20, que testemunhou a transformação de um país rural para um país com um estilo de vida essencialmente urbano; 3) a geração do pós-unificação e pós-exploração de petróleo, já com formação superior.

Outros fatores promoveram o desenvolvimento da atividade literária dos EAU, a saber:

- Doações que apoiaram financeiramente as escolas e que patrocinaram a ida de muitos alunos locais para universidades estrangeiras de prestígio.
- Os *majlis*, reuniões socioculturais, geralmente frequentados por homens - nestas reuniões as atividades literárias eram muito frequentes.
- As livrarias, bibliotecas, clubes literários e iniciativas culturais que foram sendo inauguradas.
- Em 1981, surge o *Sharjah Department of Information and Culture* (SDIC), referido no capítulo anterior.
- Em 1984 forma-se a *Emirates Writers' Union*, com sede em Sharjah, já referida também no capítulo anterior.
- A influência da imprensa no desenvolvimento da literatura, pois divulgou a literatura árabe em geral e dos Emirados em particular. As seguintes publicações tiveram, nas décadas de 60 e 70, grande impacto na promoção e divulgação das criações literárias locais: *Dubai News* (1965), *Sunrise* (1970), *The Collective* (1973), *The Native* (1975), *The Arab Times* (1979). Muitas destas publicações acabaram, no entanto, por desaparecer.
- As visitas aos Emirados por parte de vários intelectuais árabes e muçulmanos, que assumiram o papel de encorajadores para os intelectuais locais.
- Começaram também a organizar-se feiras do livro: em 1982 surge a *Sharjah International Book Fair* e, em 1990, a sua homónima em Abu Dhabi, como indicado no capítulo anterior.

No que toca à literatura local, é de salientar a sua forte tradição oral:

“The old man surprised me by reeling off at great speed several hundred lines of this poetry [Nabati], and I was told that he knew by heart no hundreds but thousands of lines of his own and others’ Nabati verses. Today this form of literature is still widely practiced and held in high regard in the UAE” (Johnson-Davies, 2009: x).

Se à tradição oral se aliarem as limitações nos sistema de ensino e a relação entre a criação da identidade de uma nação e a produção literária da mesma, será compreensível o facto de a literatura dos EAU ser ainda emergente. Segundo Shaker Noori, em três décadas não se produziram mais de sessenta romances, número que, comparado com o de publicações de poesia e *short stories* (que, naturalmente, apresentam maior facilidade na narração e memorização), é bastante reduzido:

“As for us in the Arab Gulf, we joined our Arab colleagues only thirty years ago. The oral culture in the Emirates, which prevailed until de 1960s, played the biggest role in holding back the development of lengthy literary creations such as the novel, both because of the difficulty of remembering such long works by heart, and because writing poetry took the lion’s share of writers’ attention” (Noori, 2011 : 33).

4.1 Poesia dos Emirados Árabes Unidos

Quando o assunto é a poesia produzida no Golfo Pérsico, é de destacar o papel da poesia Nabati, pelo que, neste subcapítulo, optaremos por proceder a uma breve apresentação das suas características e desenvolvimento. Este estilo particular de poesia tem assumido, desde o século XVI, um papel crucial, constituindo, por vezes, a única fonte de informações históricas. A poesia Nabati tem vindo, por isso, a transmitir-se de geração em geração, oralmente : “Nabati poetry is also known as the « people’s poetry » and « Bedouin poetry ».It is considered the richest form of popular literature and seem

to reflect the reality of everyday life. Nabati poetry is a (...) phenomenon unique to the Arabian Peninsula.”¹⁹

Segundo Ishaq Tijani (2014), a poesia Nabati é, na sua origem, uma forma de celebrar as tradições beduínas e difere da poesia Qasidah no estilo discursivo: se na última é utilizado um estilo formal, estandardizado, na primeira opta-se por um estilo coloquial, dando preferência aos dialetos locais. A tradição oral mantém hoje a sua força e, por isso mesmo, a poesia Nabati tem vindo a tornar-se cada vez mais popular – “the reason for this may be that *nabati* poetry is largely delivered through an oral rendition (...) and is often rendered at important occasions/gatherings marking tribal/national events” (Tijani, 2014: 126). Por outro lado, a poesia Qasidah raramente é transmitida oralmente, pressupondo trabalho de escrita e publicação.

De facto, pela sua prevalência oral, a poesia Nabati tem como característica um estilo espontâneo, direto, pouco ornamentado, sem que, todavia, isto seja sinónimo de falta de cuidado ou de pobreza literária – significa, isso sim, que o objetivo está precisamente em criar um estilo acessível e facilmente transmissível. Atualmente, um dos mais conhecidos autores de poesia Nabati é o Sheikh Mohammed bin Rashid Al Maktoum, governante do Dubai, que publicou o seu livro de poesia, *Poems from the Desert*, em 2009.

4.2 Prosa dos Emirados Árabes Unidos

A ficção literária nos Emirados Árabes Unidos surge por volta de finais da década de 60, inícios da década de 70. Como já foi enunciado, o romance está ainda a dar os primeiros passos, pelo que a análise centrar-se-á no desenvolvimento da *short story* – o facto de a oralidade ser um fator determinante na cultura local também pesa nesta opção.

Entre as décadas de 60 e 70, alguns autores locais começam a escrever e a publicar os seus trabalhos para uma audiência específica, não propriamente para o

¹⁹ [http://www.sheikhmohammed.ae/vgn-ext-](http://www.sheikhmohammed.ae/vgn-ext-templating/v/index.jsp?vgnextoid=9bd838e26c894310VgnVCM1000004d64a8c0RCRD)

[templating/v/index.jsp?vgnextoid=9bd838e26c894310VgnVCM1000004d64a8c0RCRD](http://www.sheikhmohammed.ae/vgn-ext-templating/v/index.jsp?vgnextoid=9bd838e26c894310VgnVCM1000004d64a8c0RCRD) [Consultado a 19/04/2015].

público em geral. De acordo com Barbara Michalak-Pikulska, “The development of prose in the United Arab Emirates occurred much later than in Kuwait, Saudi Arabia or Bahrain [and] the local press started to develop only at the end of the 1960s” (Michalak-Pikulska, 2012: 97), altura em que promoveu um grande impulso na produção e divulgação literárias, especialmente no caso das *short stories*. De facto, as primeiras tentativas de publicação de literatura dos Emirados Árabes Unidos deram-se através de publicações em revistas como *an-Nasr*, *az-Zamalik*, *ash-Shabab* e *al-Ahli*, sendo a primeira geração de escritores locais constituída por autores como Ali Ubayd Ali, Muhammad Ali al-Mirri, Abd al-Aziz Khalil e Abd al-Hamid Ahmad. Ishaq Tijani (2014) acrescenta ainda os nomes de Ibrahim Mubarak e dos pioneiros Abd Allah Saqar e Shaykhah al-Nakhi.

Os anos compreendidos entre 1975 e 1979, de acordo com Barbara Michalak-Pikulska (2012), foram pobres ao nível da publicação literária, já que se tratou de um momento de entusiasmo pela riqueza e consumismo consequentes do desenvolvimento económico e social vivenciado nos EAU após o início da exploração de petróleo. No entanto, 1979 foi um ano crucial para os autores locais, pois fundaram-se diversas associações culturais, e começaram a proliferar os serões literários, em que eram apresentados os trabalhos de vários autores contemporâneos. O interesse pela literatura local começou novamente a fervilhar. No tocante à década de 80, será de destacar o nome de Mohammad Al Murr “who is perhaps the most famous Emirati male writer in the West and the author of, among others, the famous *Dubai Tales* and *The Wink of the Mona Lisa*” (Tijani, 2014: 132), e dos autores Muhammad Hasan al-Harbi, Abd al-Rida al-Sajwani, Layla Ahmad, Najibah al Rifa'i e Aishah al-Kabi.

Destaco *Al Khashabah* (A Piece of Wood), de Abdullah Saqr, a primeira coleção de *short stories* a ser publicada (numa publicação do Al-Nasr Sports Club), que, contudo, foi imediatamente censurada. Isto deveu-se ao facto de a obra conter em si uma crítica mordaz à ocupação britânica e aos ingleses – todavia, mais tarde, em 1975, foi novamente publicada com o mesmo título. Shaikha Mubarak an-Nakhi é tida como o segundo nome no tocante ao pioneirismo da *short story* dos EAU, sendo que *The Departure* foi escrita em 1970, mas publicada apenas em 1992.

Os autores pioneiros na escrita de ficção local nasceram, quase todos, entre as décadas de 50 e 60 e, por isso, beneficiaram do modelo de sistema educativo moderno implementado nos EAU com o apoio do Kuwait. Contam igualmente com formação

universitária. Segundo Ishaq Tijani (2014), todos eles abordam a questão da influência ocidental no seu país e urbanização do estilo de vida dos seus habitantes e partilham preocupações sociais como, por exemplo, as questões de género e as consequências da exploração do petróleo. Os costumes e tradições antigos são elementos bastante presentes nestes trabalhos, assim como o são as dúvidas relativas à identidade dos cidadãos locais.

Nasser Al-Dhaeri (2011) identifica duas gerações de autores que, essencialmente, partilham as mesmas inquietações: “Who are we ? What do we want ? And where are we headed ? As the dilemmas over identity increase, the suffering of UAE writers deepens” (Al – Dhaeri, 2011:24).

Al- Dhaeri indica que a primeira geração de autores está compreendida entre 1970 e 1990 e alguns dos nomes mais sonantes são: Abddul Hamid Ahmed , Ali Abdul Aziz al-Shrihan, Leila Ahmad, Nasser Jubran, Salma Mater Saief, Amina Abdullah e Mohammad Al Murr. Os tópicos prevaletentes das *short stories* desta geração, de acordo com o autor, são os seguintes:

- Nostalgia e relação com o passado

A infância é recordada recorrentemente, sendo que a envolvimento difere bastante da atual: o mar, o deserto e a aldeia são elementos presentes em grande força. As figuras dos avós, dos pais e as relações humanas preenchem as páginas destas histórias.

Nasser Al-Dhaeri assinala que, nesta vaga, os autores procuraram reescrever o passado:

“and introduce readers to the storytelling tradition, to the values, tragedies and goodness, to the feeling of hardship and poverty, of diving and slavery, although that life had vanished and was forgotten. The short story writer’s present was hence seen as self destruction of a past they in fact feared to uproot, which made their representations of the present pessimistic when compared to the serene past, limited in its values, its relations and its bonds ” (Al-Dhaeri, 2011 :25).

Nestas histórias, as personagens passeiam-se entre as cidades que começam a impor-se, olhando-as com desconfiança; a areia e o mar mantêm-se, contudo, elementos prevaletentes: “ the topic of the sea and those dependent on it has been present in Emirate literature for some time. For centuries it was the generous provider of employment and food for the residents of the Gulf”, diz Barbara Michalak-Pikulska (2012: 113). Nas *short stories* desta geração, lê-se uma forte nostalgia de um passado que enfraquece perante a urbanização que prolifera e que traz consigo transformações culturais e identitárias as quais, naturalmente, causam desconfiança e levantam inquietações.

A título de exemplo, a *short story* “Father and Son”, incluída em *Dubai Tales*, de Mohammad Al Murr, conta-nos a história de pai e filho. Na primeira parte, em que é dada a conhecer a história do pai, o mar é um elemento recorrente:

“When he was young he used to help the fishermen grease their boats, spread the nets out and push the boats into the sea. They used to give him some fish most of which he was able to sell in the souk (...) At the time he got married he was a fisherman himself and used to go fishing with a group” (Mohammad Al Murr, 2008: 56).

“After Independence many of Isa’s colleagues left the sea. Some went to live with their sons and others worked as servants or messengers in the ministries and schools (...) But Isa continued working and was sceptical about the matter of oil wealth because he had lived most of his life in toil, drudgery and hardship, having to snatch a livelihood from the cruel sea. He was not happy about the opulence which came to many without any effort or hardship. He used often to say, «Money that comes effortlessly, doesn’t last»”(idem: 58).

- Entusiasmo e procura do sonho

Segundo Al-Dhaheri (2011), esta geração de escritores cultivou-se e construiu sonhos através do que lhes foi transmitido pela rádio, pela televisão, pelos livros e pela política. A atração por projetos políticos de grandes dimensões e o desejo de transformação e de uma união árabe foram cristalizados em *short stories* cujas personagens procuram a sua identidade e a sua independência.

- A explosão do petróleo e consequentes transformações sociais e económicas

Após viverem transformações de cariz económico (a descoberta do petróleo) e político (a independência e criação de uma nação), que coincidiram temporalmente, os escritores (e, obviamente, todos os cidadãos) depararam-se com um leque muito vasto de novas descobertas e novos sonhos, novas ansiedades e perturbações. Por esta altura, as dificuldades económicas do passado tornam-se bastante óbvias, mas as incertezas quanto ao futuro cresciam. Nas palavras de Barbara Michalak-Pikulska (2012):

“The discovery of oil brought about many changes in the traditional social structure of the Emirates. Citizens stood in the face of the «money-social» conflict. For there had taken place a conflict between the values in force prior to the discovery of the crude oil and the values of the new era which results in the fact that the works created at his time dealt with the internal problems between tradition, which is slowly disappearing, and the values which are gradually taking their place” (Michalak –Pikulska, 2012: 99).

Nesta fase, os EAU redefinem a sua identidade e, por conseguinte, reposicionam-se perante o *outro* que, neste caso, tanto pode ser representado por um árabe como por um não-árabe. A cultura deste país desenha-se de forma bastante característica (por um lado a tradição, por outro a abertura à globalização) como, de resto, já foi mencionado anteriormente – “it should be emphasised that Emirates writers concentrate chiefly on local issues in their political, social and economic aspects. The social aspect of customs and social relations definitely dominate”, sublinha Michalak-Pikulska (*idem*: 101).

No tocante à segunda geração de autores de *short stories*, que Nasser Al-Dhaheri (2011) posiciona no intervalo de 1990 a 2010, teve como principais tópicos literários os seguintes:

- Relação com o presente

Por esta altura, os assuntos que mais preocupam os autores são relativos aos aspetos da vida quotidiana dos cidadãos locais. Al-Dhaheri assinala alguns tópicos bastante populares, como a rutura das famílias, a traição, o casamento com mulheres estrangeiras ou com meninas de pouca idade, o dinheiro, a migração, o contacto com o estrangeiro, e, sempre presentes, as questões acerca da identidade, que continuam a ser fonte de ansiedade.

A título de exemplo, as *short stories* “The Virus” e “Empty Beaches”, de Asma’ az- Zar‘uni, nas quais a autora descreve o fascínio dos homens árabes por mulheres da Europa ou da América, que, frequentemente, conduzem ao casamento. Em “The Virus”, o protagonista conhece uma americana durante o seu período de estudos nos Estados Unidos e casa com ela. Quando, anos mais tarde, deseja voltar a casa com a família, a sua mulher recusa - “Do you think that I want to leave for the country of prohibitions? You can go there yourself” (Asma’ az-Zar‘uni *apud* Michalak-Pikulska, 2012: 148). Em “Empty Beaches”, acompanhamos a protagonista Shamsa na ansiosa espera pelo regresso do seu primo que lhe estava prometido - “She is facing spinsterhood, but she is still waiting for her cousin. She’s been attached to him since her childhood, when her parents planted the love for him in her heart” (*ibidem*). Em “Empty Beaches”, a autora aponta a sua crítica aos casamentos arranjados e consequente privação da liberdade de escolha. ‘Abd ar-Rida as-Sajwani, na *short story* intitulada “Bushra is Sixty”, critica os casamentos de homens com meninas de tenra idade - “the author stigmatises the marriage of old men with very young girls who are forced into it by poverty as is the case of the heroine, a young Asian woman” (Michalak-Pikulska, 2012: 100). A propósito da questão da imigração, destaco a *short story* “The Rustle of the mirror” de Rawda al-Balushi, em que o motorista do autocarro que transporta as meninas para a escola é imigrante e, todos os dias, sente-se tratado como um ser humano de segunda classe, sendo exposto ao ridículo pelas crianças. O protagonista mantém-se firme, pois que não pode arriscar perder o emprego - “the hero finds the sense of isolation and humiliation difficult to accept. However, he is reconciled to it, understanding the need for work and the obligation to his own family” (*idem*: 161).

- A realidade de uma sociedade de luxo

Esta segunda geração de escritores já não experiencia a pobreza do passado, antes uma realidade em que os padrões de consumo, muitas vezes exagerados, são questionados. Os Emirados são, agora, uma espécie de terra prometida e, como tal, a imigração laboral aumenta consideravelmente, assim como o turismo.

- Modernidade e tradição

A segunda geração de escritores viveu a polarização entre o legado do passado e a realidade do presente/futuro, entre as tradições de outrora e as novidades de uma sociedade que está, a cada dia que passa, em maior contacto e mais aberta ao estrangeiro e ao desconhecido. A procura de uma identidade num país multicultural continua presente e vai-se densificando - o equilíbrio identitário entre um passado rico em tradições e o desconhecido da modernidade em constante movimento é uma busca incessante e provoca inquietude. Aqui pode destacar-se o trabalho da autora Salma Matar Sayf:

“The writer accentuates the situation in which the heroine has to be subordinate herself to the models of behaviour reproduced by generations. An attempt at dialogue with traditions in this matter is strictly linked to the struggle that women most often have to conduct alone. Dependence on male protection, the disfavour of the family, and first and foremost the loneliness of the woman are the subjects which constantly wind their way through her work” (Michalak- Pikulska, 2012: 134).

Pertinente é também o exemplo de Ibrahim Mubarak – “ from the very beginning, we are witnesses to Said’s [protagonista de uma das *short stories* incluídas na colecção *The weary bird of the night*] internal dilemma, on the one hand, he values the traditions of his ancestors and the old art of falconry, on the other, he frequents cafes, enjoying the fulness of his prosperity” (*idem*:139). Barbara Michalak-Pikulska (2012) assinala o facto de Ibrahim Mubarak criticar e, em simultâneo, recluir a direcção que a sua nação está a seguir.

- A revolução da era da informação

A nova geração de autores não ignora os objetos de consumo que brilham nas montras das lojas de grandes centros comerciais, ao invés dos tradicionais souks. Não ignora, igualmente, a era da globalização e do *boom* da comunicação. O escritor local, à medida que vê a sua identidade redesenhar-se vê, também, a sua identidade global intensificar-se.

Terminada esta breve apresentação, segue-se o último capítulo deste trabalho que visa analisar seis *short stories* de diferentes autores dos EAU. Os elementos já aqui frisados serão, certamente, evocados, mas a análise centrar-se-á no papel da mulher enquanto sujeito, i.e., autora de *short stories*, e da mulher enquanto objeto, protagonista de *short stories* escritas por homens.

Capítulo 5 - Estudo de Caso: representações da mulher na literatura dos Emirados Árabes Unidos

Neste último capítulo proceder-se-á a uma análise da mulher dos Emirados Árabes Unidos enquanto sujeito, i.e., enquanto autora de *short stories*, e enquanto objeto, ou seja, a mulher como protagonista de *short stories* da autoria de escritores do sexo masculino.

A análise iniciar-se-á com três *short stories* de três diferentes escritoras (Fatima Al-Mazrouei, Basema Younes e Mariam Al-Saedi), através das quais tentar-se-á identificar os elementos mais marcantes e se estes correspondem, ou não, àquilo que até aqui se tem escrito sobre a literatura dos EAU. A seleção das *short stories* esteve, naturalmente, condicionada pela existência de traduções (para o inglês) e recaiu em textos que, de alguma forma, poderão ir ao encontro das expectativas sobre a mulher (escritora) árabe ou, pelo contrário, de encontro a elas – “There is an inbuilt prejudice against female writers everywhere. People assume that women mostly write romantic fiction when in reality a lot of women author highly intelligent books”²⁰. Antes de mais, importa referir que, considerando as pesquisas efetuadas e os resultados apresentados ao longo do trabalho, a diferença entre o número de autores do sexo masculino e o número de autoras do sexo feminino não foi notória- aliás, um dos nomes precursores das *short stories* dos EAU é Shaikha Mubarak an-Nakhi que, na sua coleção *The Departing*, publicada em 1970, já questionava a questão do casamento imposto. Há, no entanto, que considerar um obstáculo que ainda persiste: “And for young Emirati girls, getting a literary work published «is something that would put their families to shame»”²¹. A dúvida coloca-se: considerando a facilidade com que é possível encontrar obras de escritoras e, por isso, a sua visibilidade, este obstáculo não parece ser muito comum e, numa primeira análise, quase não parece colocar-se. Considere-se, a este propósito, *Alatash* de Alia AlHazami que, como se pode verificar através do anexo 4, vê a escrita

²⁰ http://www.khaleejtimes.com/mobile/inside.asp?xfile=/data/nationgeneral/2013/March/nationgeneral_March143.xml§ion=nationgeneral. [Consultado a 21/06/2015].

²¹ http://www.khaleejtimes.com/mobile/inside.asp?xfile=/data/nationgeneral/2013/March/nationgeneral_March143.xml§ion=nationgeneral. [Consultado a 21/06/2015].

como causa de orgulho perante a família. Este tópico exigiria, portanto, uma pesquisa mais profunda.

Posteriormente serão analisados três estudos de caso correspondentes a *short stories* de dois autores (Mohammad Al Murr e Nasser Al-Dhaeri) que têm como protagonistas três mulheres perspectivadas de diferentes ângulos (a mulher na esfera doméstica e a mulher na esfera profissional), o que se afigura pertinente quando o assunto são as expectativas do Ocidente em relação à condição da mulher árabe. Mais uma vez, a seleção esteve limitada às obras traduzidas para o inglês ²².

5.1 Representações de autoras femininas – a mulher enquanto sujeito da escrita

- “The Fetching face of a widow”, de Fatima Al-Mazrouei

Fatima Al-Mazrouei é autora de *short stories*, poesia e dramaturgia. Desde 2003, Fatima já publicou três coleções de *short stories*, um volume de poesia, uma peça e um romance. Atualmente escreve artigos para revistas e jornais. ²³

De acordo com Barbara Michalak-Pikulska (2012), Fatima Al-Mazrouei, na sua coleção de *short stories The Fetching Face of a Widow*, tem bem presente a sua preocupação com aqueles que, de alguma forma, são desfavorecidos e entregues a um destino injusto. São muito comuns as personagens que vivem em condições de precariedade e que, no seu dia a dia, tentam manter-se à superfície - “they want to rise up and take up honest work, despite this it is difficult for them to gain respect in a society oriented on material goods” (Michalak-Pikulska, 2012: 153). Temos o exemplo de protagonistas como o pobre vendedor de jornais que observa a vida dos homens ricos e poderosos à sua volta; as duas irmãs, filhas de uma família humilde, que, na festa de aniversário de uma amiga, se impressionam com a boneca que a mesma recebe do

²² As *short stories* apresentadas foram, todas elas, originalmente escritas em árabe.

²³ Informação retirada de <http://www.banipal.co.uk/contributors/817/fatima-al-mazrouei/> [consultada a 28/06/2015] e *Modern Literature of the United Arab Emirates*, de Barbara Michalak-Pikulska (2012), p. 186.

pai e, ao mesmo tempo, com o culto da aparência e importância dada ao dinheiro que sentem existir naquele lar; uma mulher que, ao perder o filho e o marido, perde também o seu lugar no mundo, conduzindo-se a um quadro grave de depressão; o menino de 12 anos que sente uma curiosidade enorme em se aproximar de um desconhecido que, todos os dias, se senta a ler o seu jornal, alheio a tudo e a todos, e considerado “estranho” por quem por ele passa; uma bonita viúva que acaba por se tornar alvo dos ciúmes de outras mulheres.

Na coleção *The Holiday Evening*, Al-Mazrouei apresenta-nos várias protagonistas mulheres que, no conjunto, funcionam como uma apresentação poliédrica do feminino: a mulher como vítima, a mulher como amante, a mulher como mãe, a mulher independente que se desprende daquele que é o papel esperado para si. Segundo Barbara Michalak Pikulska, Fatima Al-Mazrouei tem sempre presente “basic values [such as] the richness of the characters, accuracy and the subtlety of their psychological portraits” (Michalak-Pikulska, 2012: 156).

Passemos agora à análise da *short story* “The Fetching face of a widow”, texto que se afigura pertinente pelo facto de deixar transparecer vários elementos que podem contribuir para a perpetuação dos imatopos associados ao género feminino na cultura árabe. Então vejamos: é possível, mesmo sem que seja referida uma única palavra relativa às origens da viúva em questão, deduzir-se que a mesma provém de uma cultura ocidental. Sabemos, como foi dito no capítulo anterior, e de acordo com Nasser Al-Dhaheri (2011), que a imigração é um tema recorrente (devido ao forte fluxo de imigrantes que o país tem recebido); daqui advém, naturalmente, a preocupação face à ameaça que as mulheres estrangeiras passam a representar. Ora, ao longo de “The Fetching Face of a Widow”, a viúva é várias vezes descrita apelando à sensualidade, atentando nas roupas que veste (que parecem ser mais reveladoras do que as tradicionais *abayas*, utilizadas pela maioria das mulheres dos Emirados), nas formas voluptuosas do seu corpo, nos seus movimentos, “If I – a woman – am overwhelmed by the manner in which this soft, succulent body sways and her breasts too...Oh! They move in an unusual, beautiful rythm” (Al-Mazrouei, 2011:40), na sua linda face, “I can tell that by the look in her eyes and by the radiance emanating from her body, from her lips and breasts” (Al- Mazrouei, 2011: 41). O texto é iniciado com a narradora a admitir sentir ciúmes e um certo desconforto causado pela presença daquela viúva atraente que se mudou para o seu prédio. A protagonista revela os seus receios: “My heart skips a beat.

I open the door imagining what I will see. He will be hugging her closer to his chest and embracing her slender waist” (Al- Mazrouei, 2011: 41). Este desconforto é rapidamente alastrado às outras mulheres que habitam o prédio: “As the months pass, her presence in the building riles everyone, especially the women, who harbour a secret fear (...) in a month the number gathering at my window increases to seven women” (*ibidem*). Ora, esta narrativa pode, eventualmente, sugerir a presença de uma mulher ocidental, independente, atraente e reveladora e, por outro lado, de uma mulher oriental que se sente ameaçada pela presença da outra; uma mulher mais passiva que, durante o desenrolar da história, se mantém dentro da esfera doméstica, olhando, através de uma janela, para as ameaças que vêm do exterior – a representação do Ocidente e do Oriente como pólos opostos que se olham com desconforto. Surge a questão: esta imagem da polaridade entre as duas mulheres não será apenas fruto das expectativas tanto a Oriente como a Ocidente? Afinal, ao leitor nunca nada é dito relativamente à nacionalidade e cultura da viúva.

A narradora refere, de seguida, que, no prédio, há um novo passatempo partilhado pelas vizinhas - “watch the young man’s window as we drink tea, chat, and talk about everything: our husbands, spinster women, and beautiful widows who hunt for men” (Al- Mazrouei, 2011: 41). Mais uma vez, estamos perante uma imagem de fácil associação ao conceito de harém que cristaliza a imagem da mulher árabe condicionada à esfera doméstica. Convirá, no entanto, ter em conta que as reuniões das mulheres que, espreitando pela janela do vizinho na procura de informação sobre a vida alheia, conversam e bebem o seu chá, descreve um hábito comum não restrito à cultura árabe.

Será a viúva da face bonita, corpo voluptuoso e movimentos sensuais, efetivamente, uma viúva ocidental? Em nenhum momento da narrativa a autora indica a origem desta mulher e, ainda que a sua descrição leve a crer que não veste uma *abaya*, tal não significa que não seja árabe, já que o uso desta vestimenta não é de cariz obrigatório (note-se que a narradora, em nenhum momento, descreve o cabelo da viúva, pelo que poderá estar coberto por um lenço).

Parece, portanto, essencial, tal como já foi referido no segundo capítulo, ler nos interstícios antes de nos precipitarmos em conclusões assentes meramente em expectativas. O imagotipo nasce precisamente de expectativas.

A *short story* de Fatima Al-Mazrouei termina com o abandono, por parte da viúva, daquele prédio, depois de ser vítima, por parte das restantes mulheres, de insultos e discriminações: “our conversations spread throughout our whole building and to others till the widow begins to avoid going out. When she does emerge, words like whips sting her body, even her face and breasts” (Al- Mazrouei, 2011: 41). Segundo Barbara Michalak Pikulska (2012), no final da narrativa, “the reader has no doubts that Fatima (...) will humiliate the hypocrites. They have a very low opinion of themselves, which does not give them a feeling of security and they treat each person that appears as a threat” (Michalak-Pikulska, 2012: 155). Fatima Al-Mazrouei termina a *short story* enfatizando o nervosismo que a narradora sente ao verificar as consequências dos seus atos. É evidente o arrependimento de uma personagem que, ao longo da narrativa, não deixou de demonstrar sinais da sua própria fragilidade humana, enquanto apontava para a de outra pessoa.

- “Silence”, de Basema Younes

Desde 1987, Basema Younes publicou cinco coleções de *short stories*, dois romances e uma peça²⁴. Barbara Michalak-Pikulska (2012) frisa que, em muitas das suas histórias, Younes escreve sobre a complexidade das relações entre homens e mulheres nos seus diversos papéis de pai, mãe, filha, filho, marido, mulher, amante – “her stories talk of human suffering and are a reflection on the everyday affairs of an average Emirati citizen” (Michalak-Pikulska, 2012: 138). Younes foca muito a questão do papel da mulher na sociedade e as expectativas comumente aceites quanto às suas funções: numa das suas *short stories*, “The Call for Help”, a autora descreve uma sociedade em que os estereótipos relativos ao papel do homem e da mulher estão bem enraizados sendo que, conseqüentemente, a impossibilidade da protagonista em ter filhos é geradora de uma crise existencial para ela enquanto mulher numa sociedade árabe. Esta história, tal como outras da sua autoria, ilustra a injustiça social vivida essencialmente pela mulher e torna visível a perspetiva da autora face a estas questões: “they also display the author’s attitudes to the reality around her, a society secretly

²⁴ Informação retirada de <http://www.banipal.co.uk/contributors/829/basema-younes/> [Consultada a 28/06/2015].

playing out unseen dramas, particularly for women” (Michalak-Pikulska, 2012: 139). As questões identitárias, no caso específico do papel da mulher, estão bastante presentes na escrita de Basema Younes que também revela uma tendência humanística universal - “(...) proclaiming greater freedom for men and women in their choice of career and partner [and also] through light on family and marital problems” (*ibidem*).

Passemos agora à análise da *short story* “Silence” que nos dá a conhecer uma mulher que, ao longo de trinta anos de casamento, sempre se sentiu ignorada pelo marido: “I would yearn for his tenderness, but he would put a great distance between us. He would leave in the morning and come back in the evening half-dead” (Younes, 2011: 98). A história começa com a confissão da narradora a dizer que era seu costume seguir o marido ausente e distante até ao mar, onde ele rejubilava com a pesca e ela, por sua vez, com a sua alegria (do marido). Basema Younes partilha com o leitor as suas inquietações sobre o papel da mulher na sociedade e sobre a complexidade das relações conjugais.

Desde o início até ao fim da *short story*, Younes descreve-nos a vida agitada de uma mulher que, exteriormente, parece alheia ao que se passa à sua volta. Mostra-nos uma mulher frustrada pela ausência do seu marido, mas que, ainda assim, rejubila ao vê-lo rejubilar; uma mulher que, mesmo não compreendendo nem conhecendo o homem com quem casou há trinta anos, não desiste e continua a segui-lo com o intuito de melhor o conhecer – “for thirty years I tiptoed quietly behind him, trying to understand the man I was married to” (*ibidem*); uma mulher que, mesmo sendo ignorada ao longo de uma vida, se sente feliz por, finalmente, sentir que o seu marido precisa de si – “the idea of him needing me made my heart burst with joy” (*idem*: 99); uma mulher que, até ao último minuto, não desiste de tentar compreender o afastamento que foi edificado entre os dois; uma mulher que, ainda que vivendo neste afastamento, não deixa de sentir amor pelo homem que tem e teve ao seu lado. Basema Younes dá a conhecer uma protagonista silenciada que, ao fim de trinta anos de vida exteriormente muda e de vida interior repleta de inquietações, resolve pronunciar as palavras até aqui emudecidas – “As I felt he was living his last moments, I decided to give it a try (...) My words came out like distant mutterings. I told him I loved him (...) I spoke of his cruelty towards me and the harshness of the way he treated me” (*idem*: 100). Ainda assim, as palavras não lhe saem sólidas e assertivas, antes na forma de murmúrios, demonstrando o receio ou a impressão de que não deveria fazê-lo. Não foi, no entanto, ouvida – “but a few seconds

later, I realised he had lost his sight completely, as he had his hearing (...) he had not heard my words” (Younes, 2011: 101).

Estamos perante uma história em que a mulher, apesar de ter tido coragem para fazer ouvir a sua voz, continua silenciosa. O marido, que antes não mostrava interesse em ouvi-la, está agora incapaz de o fazer. Está também incapaz de ver. Ele é a representação de uma sociedade patriarcal (o que, em rigor, não se restringe às sociedades árabes) que parece estar surda e cega, i.e., que não percebe as transformações que se dão à sua volta, que não atenta na necessidade de quebrar estereótipos e legados que perpetuam comportamentos e padrões de vida tradicionalmente aceites. Este é um texto que nos chama a atenção para a condição da mulher (árabe), que, subtilmente, nos dá a perceber o que se passa dentro (e fora) de portas, sem ter que, de forma sensacionalista, expor situações dramáticas. Esta é uma chamada de atenção para o dia a dia de muitas mulheres que sofrem (por detrás de uma *abaya* ou não), observando tudo o que as rodeia, sem que a sociedade as observe a elas.

- “Oil Stain”, de Mariam Al-Saedi

Mariam Al-Saedi publicou duas coleções de *short stories*, uma delas traduzida para o alemão. Atualmente, Mariam trabalha no Departamento de Transportes de Abu Dhabi enquanto mantém a sua atividade de escritora²⁵. Uma das suas *short stories*, “The Old Woman”, foi incluída na coleção de Denys Johnson Davies *In a Fertile Desert*, embora seja sobre “Oil Stain” que esta análise se irá debruçar. Trata-se de uma *short story* que demonstra como os escritores locais, neste caso uma escritora, mostram preocupação perante a onda de imigração que os Emirados Árabes Unidos têm recebido.

Mariam Al-Saedi relata-nos o primeiro dia de um imigrante recém-chegado a Abu Dhabi, orgulhoso com a profissão que conseguiu encontrar longe de casa – “ His mother had always believed his future would be bright, he had been a wise child” (Al-Saedi, 2011:120). O leitor acompanha a personagem desde o início, quando se sente radiante com a prospeção de um novo trabalho, no qual, em vez de estar sempre repleto

²⁵ Informação recolhida de <http://www.banipal.co.uk/contributors/832/mariam--al-saedi/> [Consultado a 28/06/2015].

de nódoas espalhadas por toda a roupa, irá vestir um uniforme, “clean, really clean, almost impossibly clean” (Al-Saedi, 2011: 118), com uma placa ostentando o logótipo do departamento que o recebe. O leitor presencia a sua excitação e são-lhe confienciadas as fotografias que o protagonista tira a si próprio, orgulhoso no seu novo uniforme, e que servem para enviar à mãe. O leitor “assiste” também ao primeiro dia e àquilo a que o imigrante tem de responder: uma chávena de chá com açúcar; testemunha a preocupação que tem em ser perfeito naquilo que faz, atento à limpeza e às instruções que recebeu previamente: “Cleanliness is key. Cleanliness. He rinses the teacup well. He washes it over and over. He prepares the tea to their specifications” (*idem*: 119). O protagonista reflete acerca das diferenças entre a sua casa e aquele lugar: neste último, um copo de chá poderia ser desperdiçado apenas por ter açúcar a mais ou a menos, algo impossível de acontecer no seu país natal e que ele não compreendia: “how could anyone pour away a cup of hot tea with sweet sugar and rich milk just because the sugar was too much or too little?” (*ibidem*). Conclui então que há uma vantagem em ser-se pobre: ninguém tem preocupações com as manchas nos tabuleiros que, na sua nova casa, são inadmissíveis. Para ele estas diferenças são bastante curiosas, pormenores a que não está habituado.

Mariam Al-Saedi descreve o desenvolvimento da primeira tarefa do protagonista de “Oil stain” após tantos cuidados e reflexões: ao entregar a chávena de chá, apercebe-se de uma mancha que está visível no tabuleiro e, a partir daí, o seu nervosismo escala até ao ponto em que a chávena é derramada numa única e enorme mancha: “(...) but there are stains everywhere! On the papers, the desktop, the woman’s clothes” (*idem* : 120). A aflição de alguém que se esforçou para executar o trabalho na perfeição mas que, no entanto, não consegue prevenir o estrago é notória - “The employee moves her hand to take it, stacks of paper move, crash into the cup of tea, and tea pours out over everything, filling the desk with stains” (*ibidem*). O protagonista é, por isso, obrigado a entregar o uniforme do qual estava tão orgulhoso a outro imigrante.

Ao longo da *short story* verifica-se que este imigrante não tem um nome, antes um número que pertence a essa fila infinita de pessoas que vêm tentar a sua oportunidade na terra do petróleo; pessoas que largam as suas casas e a precariedade em que vivem para tentar a sorte num mundo que os tem como invisíveis, serventes sem uma face – se repararmos bem, existe um contraste muito acentuado entre a primeira parte da *short story*, em que vemos a personagem principal envaidecida e cheia de

orgulho do seu novo trabalho, do seu novo uniforme, a estranhar mas a entranhar as particularidades da sua nova casa, motivado a fazer tudo de acordo com as expectativas para, de seguida, partirmos para uma cena em que ele, no seu serviço, é quase invisível: a mulher que pediu a chávena de chá com açúcar está ocupada ao telefone e, por isso, aquele momento para o qual tanto se preparou “He stood outside the doorway of office 13, preparing himself. He tried to remember whether he should enter with a greeting, or just come in quietly. «Good morning madam», he says quietly, but here is no reply” (Al Saedi, 2011: 120), é reduzido a nada, até se transformar num desastre. Como consequência, e por ser também ele reduzido a um número (substituível), no dia seguinte aquela tarefa e aquele uniforme já não lhe pertenciam, mas a outro que, como ele, não teria uma oportunidade de mostrar o seu valor, antes uma única hipótese para que tudo corra como esperado. Mais um rosto sem identidade, que entrará naquele gabinete número 13 com o mesmo nervosismo, as mesmas expectativas e que, provavelmente, também não receberá um bom dia de retorno – porque o seu trabalho é o de ser invisível.

A autora pretende chamar a atenção para a situação de muitos imigrantes que procuram a sua sorte nos Emirados Árabes e que vivem como números, todos eles sem um rosto - muitos dos rostos visíveis que passeiam as ruas dos Emirados são, na verdade, invisíveis. “Oil Stain” levanta questões não só relativamente ao tema da imigração em particular, mas também a assuntos universais como a ausência/importância da fraternidade, a desumanização dos indivíduos, as condições extremas de pobreza em que muitos povos vivem – em suma, a fragilidade humana.

Dentro desta análise da mulher enquanto sujeito ativo da literatura dos EAU, destaco ainda as *short stories* “A long thin thread” e “Tight Places” de Ebtisam al-Mu ‘alla que, apesar de não estarem acessíveis na sua versão traduzida e integral, afiguram-se bastante pertinentes, pois ambas focam a dificuldade em manter a harmonia entre a vida profissional e familiar das protagonistas. Em “A long thin thread”, o leitor acompanha a vida de um casal em que, por um lado, ele se queixa das longas horas passadas pela sua mulher no escritório e consequente negligência desta no tocante aos assuntos domésticos e, por outro lado, ela reclama da falta de valorização do seu trabalho por parte dele. Em “Tight Places”, é apresentado ao leitor outro casal cujas discussões estão, novamente, relacionadas com a dimensão profissional: “the woman feels disappointed that her husband does not share the problems of his work with her

and that he does not accept her work (...) the purpose and meaning within their life becomes watered down in the deluge of professional problems” (Michalak - Pikulska, 2012: 160).

5.2 Representações de autores masculinos – a mulher enquanto objeto da escrita

- “A late dinner” de Mohammad Al Murr

Mohammad Al Murr é um dos autores dos Emirados mais conceituados. É autor de 11 coleções de *short stories* que foram publicadas no livro *al- ‘A’ mal al-qasasiyya*, publicado, em 1992. Al Mur publicou mais duas coleções de *short stories* e três livros sobre os Emirados Árabes Unidos da atualidade, além de uma obra dedicada ao dialeto do país. O autor trabalha, desde o início da década de 80, para os jornais *al-Khalij* e *al-Bayan*²⁶.

De acordo com Barbara Michalak Pikulska (2012), a originalidade das *short stories* de Mohammad Al Murr está na forma como o autor observa o mundo: “Murr’s stories are free of any idealization, rhetoric or moralizing (...) the writer also avoids easy simplifications and one-sided evaluations” (Michalak-Pikulska, 2012: 122). Deste autor, escolhi analisar a *short story* “A late dinner” que foca as complexidades da relação homem/mulher, as preocupações com a fragilidade da estrutura familiar tradicional e que inclui uma descrição (a partir do olhar masculino) da mulher no seu papel de esposa.

“A late dinner” inicia-se com a chegada de Hamad a casa, fazendo o seu barulho habitual. Compreende-se, desde o início, que este episódio não é único e que as chegadas tardias de Hamad são uma constante: “- Asleep in front of the box as usual? – What do you expect me to do?” (Al Murr, 2008: 97) lê-se no diálogo entre eles. A pedido de Hamad, a mulher levanta-se para lhe preparar uma refeição tardia - “she had

²⁶ Informação recolhida de *Modern Literature of the United Arab Emirates*, de Barbara Michalak Pikulska (2012), p.187.

hoped not to have this labour imposed on her” (Al Murr, 2008: 98) - e é a partir deste momento que o leitor passa a acompanhá-la nas suas reflexões. Este é o foco principal da *short story*: as dúvidas, receios e frustrações da esposa de Hamad, de quem nunca se conhece o nome. A protagonista sem-nome começa por se questionar sobre as razões que a fizeram apaixonar-se por Hamad (“What was it that she loved in Hamad that led her to marry him? His bushy moustache? His thick sensuous lips? His roving eyes? His generosity? She did not know! (*ibidem*)) quando, atualmente, está condenada a uma vida monótona, entediante, em que parecem suceder-se, dia após dia, as mesmas rotinas e ações: o regresso tardio de Hamad, a refeição fora de horas, as roupas arrumadas no mesmo local, do mesmo jeito, os mesmos programas de televisão. Assim, começa a comparar o seu casamento ao da sua irmã, que lhe parece muito mais agradável - “Her sister, Fatma, was married to a man who was very domestic. He never stayed up late, never got drunk and never went out at night (...) he went on trips only with her and never went shopping or on any outing without her” (*ibidem*) -, o que a entristece e frustra ainda mais: “under her breath Hamad’s wife cursed (...) the wretched luck that had bound her to a man with such stupid sentiments” (*idem*: 99). O leitor percebe então que a protagonista procura (depois de, inclusivamente, desejar nunca ter casado) encontrar algum conforto na sua situação, convencendo-se de que não é tão má como pode, à primeira vista, parecer: Hamad é generoso: “three days earlier he had bought for her a pearl necklace for ten thousand dirhams and on their fourth anniversary he had brought her earrings studded with diamonds and sapphires” (*idem*: 100) e existem mulheres a viver em condições piores do que a sua: “whenever the husband of her friend, Aisha, came back from one of his many trips abroad he would bring albums full of pictures of the whores of Manila, Bangkok, Bombay or the cities of Europe” (*ibidem*). A protagonist sem-nome conclui que, enquanto houver respeito da parte de Hamad, deverá (fazer por) ser feliz. Recorda, então, os bons momentos passados a dois e, num ápice, assiste-se a uma reviravolta: se inicialmente se queixava da infelicidade da vida partilhada com Hamad, agora o seu desejo é mantê-la assim até ao fim dos seus dias. Afinal, Hamad até é divertido, generoso e costuma sublinhar que “a man is like a dove. The male must have one female only” (*ibidem*), mesmo quando, às vezes, reclama que o seu pai casou três vezes, o seu irmão quatro, o seu avô teve seis mulheres e ele apenas uma. A possibilidade de ficar sem Hamad assusta-a – “Hamad’s wife gradually

felt more loving towards her husband as she prepared the macaroni salad which he preferred moderately mixed” (Al Murr, 2008: 100).

Al Murr apresenta um retrato cru do que é a ambivalência de sentimentos de uma mulher que, por força de um legado cultural, vive dependente do seu marido, restringida à vida doméstica; por falta de opções, ela tenta encontrar satisfação naquilo que será o futuro dela, daquilo de que depende e que é a quase totalidade da sua vida: a esfera doméstica e a vida familiar com Hamad – “ what would happen to her if he died or was in one of those awful road accidents which were illustrated in the papers (...) she shuddered at such gloomy thoughts and tried to banish them from her mind” (*idem*: 98). A este propósito, Barbara Michalak-Pikulska (2012) chama a atenção para o facto de, apesar de todas as transformações que os Emirados Árabes Unidos têm vindo a sofrer, muitas mulheres estarem ainda limitadas à vida familiar e, por isso, dependentes dos maridos financeiramente. Estamos perante mais um exemplo da preocupação dos autores dos Emirados Árabes Unidos com a complexidade das relações entre homens e mulheres num país que, atualmente, sofre influências provenientes de todos os lados, e cujo sistema familiar tradicional começa a perder a sua força, embora não tão rapidamente como seria expectável. Certamente que as dúvidas e as ambivalências relativamente ao casamento e a uma relação a dois são comuns a todos, independentemente de qualquer fator cultural e/ou religioso – o que importa sublinhar aqui é o facto de, no caso de algumas mulheres, a dependência em que se encontram poder constituir um entrave às alternativas, sejam elas novas relações ou a entrada no mundo do trabalho.

Assim, numa sociedade em que a crise de identidade é uma evidência, homens e mulheres redefinem o papel do feminino – este é um problema que, naturalmente, não afeta apenas as mulheres, como se verifica pelas vozes masculinas que decidem abordá-lo. Al Murr é uma destas vozes e a falta de atribuição de um nome à mulher de Hamad pode querer mostrar que este é, efetivamente, um problema transversal - “her identity is limited to her being Hamad’s wife. Being a wife fills the entire world for the protagonist; it is the source of her sorrows, frustrations, pain and joy” (Michalak-Pikulska, 2012: 127).

- “An icy marriage”, de Mohammed Al Murr

Na *short story* “An icy marriage”, o leitor está perante uma mulher silenciosa por opção, ao contrário do que acontece em “Silence”, de Basema Younes – “throughout these two weekly journeys Ahmad would try to engage his wife in conversation about anything, but she rarely responded” (Al Murr, 2008: 73). A mulher de Ahmad que, como acontece com a protagonista de “A late dinner”, também não tem nome, opta pelo silêncio para fazer face à falta de opção na escolha do companheiro. “An icy marriage” trata, portanto, de um casamento arranjado: “it was true that he had married her in the traditional way. Indeed it was almost a caricature of tradition. His aunt had chosen her for him” (*idem*: 75). Ao longo da *short story*, o leitor constata a indiferença daquela mulher às tentativas de aproximação de Ahmad: “while he talked she would stare at the unending yellow desert which hugged the sea on one side and the sky on the other. She said nothing, never made any comment” (*idem*: 73); por outro lado, nele reconhece-se uma procura incessante de compreender a razão que está por trás deste silêncio que é direcionado apenas a si – “he could not work out the mystery of her silence and her conversational inertia. At home she would chat affectionately and without inhibition with her mother and sisters (...) but with him she was silent, noncommittal, cold and reserved” (*idem*: 74). Ahmad mostra ser um marido dedicado, interessado, que se preocupa em conhecer as razões para a falta de afeto da mulher; no entanto, após várias tentativas de aproximação sem sucesso (a lua de mel surpresa na Grécia, o gato, os canários...) decide que não aceita permanecer nesta relação distante e fria, optando por pedir o divórcio que ela aceita sem qualquer reação, novamente indiferente e silenciosa – “He told her six months after they had been married that it could not go on and that it was better for them both to be divorced. She offered no resistance (...) she just looked at him in the same old way” (*idem*: 78).

Nesta *short story*, o silêncio - que é geralmente associado à submissão - é a arma utilizada pela mulher de Ahmad para lutar contra a condição que lhe foi imposta. O silêncio é uma opção sua na luta contra aquele que é um problema transversal e que é, também, um tópico recorrente na literatura dos EAU: os casamentos arranjados. Em “An icy marriage”, a protagonista, ao contrário do que acontece em “A late dinner”, opta por reagir (ainda que através do silêncio) à condição que lhe foi destinada, em vez de procurar alguma satisfação nela. O que a mulher de Hamad receava fortemente, a

mulher de Ahmad parece querer provocar: o divórcio, a condição de solteira, o ficar só, sem o apoio do marido – ironicamente, Al Murr considera este desfecho como sendo um “final feliz”. Estamos, novamente, perante um problema transversal que afeta homens e mulheres: à medida que a *short story* se desenrola, o leitor compreende a frustração de Ahmad e acompanha-o na árdua tarefa de chegar até à mulher, de fazer florescer a relação de ambos, procurando conhecê-la na sua plenitude, na sua individualidade. Ambos são vítimas deste problema, mas é curioso como, em “An icy marriage”, Al Murr apresenta-nos, ao contrário do que seria expectável, mais clara e evidentemente as fragilidades de Ahmad do que as da sua mulher, que permanece inalterável, inabalável na sua luta através do mutismo. Contrariamente à vitimização que está tão enraizada na figura da mulher árabe, em “An icy marriage”, mesmo sendo transmitida, sem qualquer dúvida, a ideia de que ambos são vítimas desta tradição, Ahmad é a personagem que demonstra mais fragilidade ao longo da narrativa, principalmente quando contrastada com a postura firme da sua mulher.

- “The Stone of desire” de Nasser Al-Dhaheiri

Nasser Al-Dhaheiri nasceu em Abu Dhabi em 1960. É um autor premiado, fotógrafo e jornalista. Tem publicadas três coleções de *short stories* e um romance. Atualmente é diretor executivo das revistas *Fairuz*, *Al-Idari* e *Faris*²⁷.

Passemos à análise de “The Stone of desire”. A escolha desta *short story* baseou-se no facto de a protagonista ser uma mulher descrita, essencialmente, através da paixão que nutre pela sua profissão, diferenciando-a das protagonistas das narrativas anteriores. A protagonista começa por ser descrita como uma apaixonada pela sua arte– “my stone is perfectly shaped and is part of me, my veins...to my stone I confess my feelings! (...)”²⁸. O leitor vai desvendando o dia a dia desta escultora, sendo que a sua rotina nada tem que ver com a da tradicional mãe e esposa, dedicada à vida familiar, a que geralmente as mulheres árabes (e muçulmanas) estão associadas; pelo contrário, o seu

²⁷ Informação retirada de <http://www.banipal.co.uk/contributors/292/nasser-al-dhaheiri/> [Consultado a 28/06/2015].

²⁸ Al-Dhaheiri, Nasser (*n.d*) (<http://www.banipal.co.uk/selections/80/242/nasser-al-dhaheiri/>). [Consultado a 06/06/2015].

dia a dia é ocupado entre o trabalho, as sextas, as leituras e pequenos prazeres como o vinho e a música: “in her house, in the darkness of the night, her body shivered with elation as she turned up the volume of the music. She continued with these pleasures until her body felt drugged, her mind stimulated and she was bursting with euphoria” (*ibidem*). Ao contrário do que seria expectável, ou do que corresponde à imagem de um ocidental acerca da mulher árabe, aqui ela é descrita quase exclusivamente a partir da dimensão profissional, da sua arte de esculpir - “As she sculpted, all her senses focused on communication, feeling only satisfied when the mouth of the stone granted her the feeling of an absent kiss”²⁹; quando Dhaheri dá a conhecer ao leitor detalhes da vida pessoal da protagonista, eles não correspondem ao conservadorismo que, mais uma vez, é uma imagem frequentemente projetada na mulher árabe: as festas que organiza em sua casa terminam frequentemente com trocas de beijos furtivos (“drunken kisses or guests protesting that they had to return to their wives who were waiting impatiently for them”(*ibidem*)); é confessado que a ideia de uma relação amorosa é cada vez menos provável (“day after day her condition deteriorated until she found she was unable to give her changed body to anyone any more”(*ibidem*)). O autor dá a conhecer uma mulher sozinha, com relações passadas que deixaram marcas profundas (uma relação falhada com um homem que a deixou, uma mãe que não a soube criar e um pai ausente, dedicado quase exclusivamente à política) e que a conduziram para uma vida de altos e baixos, desprovida de sentido para além da esfera profissional. Pertinente será o facto de, ainda que a protagonista seja descrita através de um ângulo diferente, nem por isso deixa de estar limitada à esfera doméstica, sendo que a casa onde vive é designada de eremitério: “it was incircled by a wild garden that was designed to complement the impetuosity of stone and the remote isolation of the place, and had her sculptures scattered in every small corner” (*ibidem*). No entanto, em “The stone of desire”, Nasser Al-Dhaheri descreve a mulher na sua plenitude apelando aos sentidos e às sensações, imagem a que o leitor não está acostumado nas descrições literárias da mulher árabe que, geralmente, o fazem de longe, quase como se tratassem de algo parcialmente desvendado mas, ainda assim, inatingível (novamente, a imagem da mulher coberta por um véu) - “As I bath in its warmth, only then does the stone speak out”/ “she was in love with the morning shade and the scent of lemon blossom”/ “Then she would go into

²⁹ Al-Dhaheri, Nasser (*n.d*) (<http://www.banipal.co.uk/selections/80/242/nasser-al-dhaheri/>). [Consultado a 06/06/2015].

her garden at twilight when its orange hue fragmented the air creating a burning tranquility that was reflected on the stone walls of the house”/ “She spent her nights reading, enjoying green vegetables steeped in lemon and vinegar, her wine glass filled with the red blood of saints”/ “The fingers, as if they were soaked in attar or the essence of bay leaves, danced on the stone”/ “She burst into a spontaneous dance around the fire before sinking on the ground exhausted” (*ibidem*). O autor parece querer personificar esta mulher, aproximar o leitor dela, desvendá-la através dos seus labirintos mais íntimos; em suma, apresentá-la, na sua intimidade, enquanto sujeito - “only the most select enter my house where the words of the chisel, the hammer and the dance of the fingers together with the brush, form a meaningful whisper, almost exploring the remote labyrinths of the soul”³⁰. O leitor conhece a paixão da escultora pela sua arte, o seu dia a dia repleto de prazeres (música, dança, vinho, beijos, sextas) e relações fugazes, os seus rituais mais íntimos (“once completed she made passionate love to her new idol in what was a nocturnal pagan wedding ceremony” (*ibidem*)), os seus desejos (“the male body was her real pleasure and she carved every single muscle with a woman’s strength, haunted by her thirst for passion” (*ibidem*)), as marcas do passado (“It was he who had run away from her that day, rejecting her with all her gifts, using his lack of work as a pretext for not marrying”), a sua solidão (“after the relationship she had had with this half man, she focused on success and fame” (*ibidem*)), as suas frustrações (“her nights faded rapidly without offering her the woman’s happiness she had always longed for” (*ibidem*)). A protagonista mostra-se totalmente alheia à realidade, fechada no seu eremitério por vontade própria, sendo que mesmo a relação que constrói com o homem que, num determinado dia, lhe aparece à porta, assenta em razões puramente profissionais: ele é a sua nova obsessão apenas pelo facto de se tratar de um novo projeto artístico – “at first sight she imagined that he could be her new art project...that somehow he could heal her” (*ibidem*). Constitui-se, portanto, uma relação desadequada em que o objeto é o homem, não a mulher – “the sculptress understood his predicament, and tried hard to prove to him that he was solely an art project, that was what his role was and he should not disturb her work with his private concerns” (*ibidem*). Estamos novamente perante um homem cego que, neste caso, ao contrário de “Silence” de Younes, está dependente de uma mulher e das suas recompensas

³⁰ Al-Dhaheri, Nasser (*n.d*) (<http://www.banipal.co.uk/selections/80/242/nasser-al-dhaheri/>). [Consultado a 06/06/2015].

Considerações finais

Terminada a apresentação dos estudos de caso deste cinco autores, e após a análise sobre a literatura dos EAU e sobre a realidade do país e da sua cultura, compreende-se que, de facto, não há lugar para generalizações. Pela amostra analisada, depreende-se que na literatura dos Emirados existem questões transversais aos géneros e que ocupam tanto textos de autoria feminina como de autoria masculina, como é o caso dos casamentos arranjados ou impostos. Tanto mulheres como homens se sentem afetados por uma situação que podendo, à partida, parecer ser mais limitativa para as mulheres, acaba também por atingir os homens, tal como se pôde ver em “An icy marriage” de Mohamed Al Murr.

A questão da dependência das mulheres relativamente aos homens e o facto de muitas estarem ainda restringidas à esfera doméstica é, efetivamente, uma realidade que, no entanto, é abordada por escritores homens e mulheres, indiferenciadamente – Mohamed Al Murr e a sua *short story* “A late dinner”, constitui um bom exemplo disso, sendo possível ao leitor acompanhar todas as reflexões da protagonista na sua condição de dependente da relação conjugal. Igualmente se verifica que a imagem da mulher árabe quase desprovida de individualidade, despersonificada na sua intangibilidade, também pode ser ultrapassada através das *short stories* apresentadas: em “The stone of desire”, por exemplo, Nasser Al-Dhaheri dá a conhecer os pensamentos, frustrações e desejos mais íntimos da escultora e, em “A late dinner”, o leitor acompanha a protagonista nas suas análises mais profundas.

De facto, autores e autoras, todos partilham as mesmas dúvidas e preocupações quanto àquela que é a identidade de um país recente: a complexidade das relações é, como ficou explícito, um lugar comum na literatura dos EAU (sendo que este tópico não é exclusivo das autoras mulheres, como não raras vezes se tende a associar), bem como a revisitação do passado face à inevitabilidade de um futuro incerto, passando pela abordagem das transformações sociais que os Emirados têm vivido, entre elas, por exemplo, a explosão do consumismo, a imigração (tópico sobre o qual se debruça “Oil Stain” de Mariam Al Saedi) ou o contacto com o estrangeiro (do qual poderá ser exemplo, ou não, “The Fetching Face of a Widow” de Fatima Al – Mazrouei). Conclui-se que, de facto, existem mudanças a ser concretizadas na estrutura societal no que à

condição da mulher local concerne, mas este é um assunto para que todos, homens e mulheres, estão despertos, nomeadamente no campo literário (e também político, embora fosse necessária uma análise mais profunda para poder tirar ilações mais concretas e fundamentadas). Conclui-se igualmente que não há uma diferença notória entre a escrita no feminino e a escrita no masculino³¹, quer ao nível dos tópicos literários, quer ao nível do número total de autores de ambos os sexos – a título de exemplo, dos 46 escritores dos EAU apresentados por Barbara Michalak-Pikulska em *Modern Literature of the United Arab Emirates* (2012), 24 são homens e 22 são mulheres; dos 24 autores do nº 42 da revista *Banipal*, “New writing from Emirates”, 12 são homens e 12 são mulheres. Ainda que possa ter existido um esforço de apresentação equilibrada, o que é certo é que as mulheres produzem e marcam a sua presença no panorama literário dos EAU. Para além disso, como já foi sublinhado, Shaykha Mubarak an-Nakhi foi uma das autoras pioneiras na escrita da *short story*. Deste modo, pode dizer-se que ao analisar mais de perto a literatura dos Emirados, e face ao (comprovado) desconhecimento prévio, nada do que poderia ser expectável se verifica: existe, efetivamente, produção literária nacional, escrita por homens e mulheres (ao contrário do que os resultados da pesquisa na Biblioteca Nacional nos poderiam indiciar), e os traços de sensacionalismo que verificámos existirem (no tocante à literatura árabe em geral) devido à confusão entre os conceitos de “árabe” e “muçulmano” não encontram paralelismo neste espaço literário. Sublinho ainda o facto de a mulher, quer na condição de sujeito (autora), quer na de objeto literário (protagonista), não estar reduzida à condição religiosa nem à da sua cultura árabe: está, isso sim, personificada, dotada de um *eu* com sentimentos, sensações, reflexões, angústias e preocupações universais (ainda que, naturalmente, também voltadas para a sua realidade em concreto). A este propósito, acrescente-se a peculiaridade dos EAU, resultante não só do facto de a sua identidade estar, ainda, a ser definida, mas também por se tratar de um povo oriental extretamente recetivo às influências ocidentais – daqui se deprende que, tal como não há espaço para generalizações referentes ao género, e à

³¹ Esta afirmação é referente apenas à leitura e escrita em inglês. Poderá haver, ou não, outro tipo de diferenças na escrita árabe. De sublinhar que todos os textos aqui analisados foram traduzidos do original em árabe.

imagem da mulher árabe em particular, também não o há para generalizações relativas à abrangência do conceito de Oriente.

A tendência para polarizar Ocidente e Oriente faz cada vez menos sentido, seja ela numa perspetiva dialética, como a de Munzer Kilani, ou estática, como a de Edward Said, já que num mundo globalizado como o de hoje, as influências estão demasiado dispersas para se poder considerar oposições estanques - principalmente quando o objeto de estudo é um país altamente cosmopolita e globalizado e que, ainda assim, faz questão de manter as suas tradições.

Para finalizar, parece-me possível prever um aumento do conhecimento além-fronteiras da produção literária dos Emirados já que os incentivos para a produção e posterior apresentação ao exterior estão, de facto, a ser colocados em prática – recordem-se, por exemplo, as feiras literárias (entre elas, a mais conhecida, *Emirates Airline Festival of Literature*), os prémios literários (*International Prize for Arabic Fiction* ou o *Emirates Novel Award*), as entidades de apoio às artes em geral e à literatura em particular (*Emirates Literature Foundation*, *Emirates Writers' Union*), a publicação em inglês ou o carimbo “emirati literature” que se pode ver nas capas de alguns livros de autores locais. No entanto, como, na sua generalidade, estes incentivos são bastante recentes (muitos deles iniciados a partir da primeira década do século XXI), o reconhecimento virá, provavelmente, num futuro próximo, agora que o país, depois de se ter consolidado financeira e socialmente, pode ou deve investir ainda mais naquela que é a formação da sua identidade nacional, processo no qual a literatura desempenha um papel de especial relevância.

A tradução a partir do árabe, por não ser tão acessível, poderá não acontecer nas dimensões ideais e, por isso, atrasar o (re)conhecimento da literatura, mas considerando que uma das estratégias utilizadas pelos autores locais é já a escrita no original em inglês, prevejo que esta limitação seja cada vez menor. A par disso, como foi referido no capítulo 3.3, as traduções de obras escritas em árabe têm vindo a multiplicar-se, quer pela explosão da produção literária, como sublinha Margaret Obank (2012), quer, atrever-me-ia a dizer, por uma crescente curiosidade relativa ao que constitui, atualmente, e no choque de civilizações que todos conhecemos, o *outro* : neste caso, o árabe/muçulmano que, por força dos acontecimentos – mais ou menos trágicos e mediáticos –, tem pautado o panorama dos últimos anos, em especial no que diz

respeito às relações entre países ocidentais e o mundo islâmico ou à grande instabilidade política e social em muitos dos países árabes.

Considerando a opinião de Edward Said relativa ao Orientalismo, atrever-me-ia a dizer que, efetivamente, o árabe é visto, ainda hoje, como um *outro* tão distante que quase deixa de ser equacionado como indivíduo antes de ser julgado pela sua pertença étnica— como deveria acontecer numa lógica humanista. As características que lhe são atribuídas e que o fazem diferir do *eu* (não árabe/europeu/ocidental) são fonte de constante análise e discussão, em contextos públicos ou privados, conduzindo a uma crescente barreira entre uns e outros e, concomitantemente, a uma subtil, mas também ela crescente, perda de noção de uma comum condição humana. Recorde-se a opinião de Said apresentada no primeiro capítulo, referente ao facto de tudo no homem árabe ser explicado pelo facto de ser árabe, antes mesmo de ser homem, não ocorrendo processos mentais de individualização do sujeito. Por conseguinte, a introdução e leitura da literatura árabe permite, mais facilmente, e sem nos perdermos nos meandros do estereótipo e das generalizações, conhecer as vozes árabes na sua diversidade (diferentes países e, por isso, diferentes culturas, tradições e religiões) e na sua plenitude — as *short stories* apresentadas, a par da apresentação dos tópicos literários prevalentes na literatura dos Emirados, demonstram que, a título de exemplo, a incerteza perante um futuro em constante transformação, a nostalgia face ao passado, o espanto face a um mundo cada dia mais globalizado, a consciência social, os desafios da vida conjugal, o ciúme e a solidão, são partilhados por todos, neste caso árabes ou não árabes.

A literatura permite-nos, portanto, uma aproximação ao *outro* e à sua voz, evitando cair nos já referidos estereótipos. Urge também equacionar e questionar os imagnetismos que nela são criados e perpetuados: afinal, a mulher árabe tem uma voz fora da esfera doméstica, do harém, e, ainda que representada frequentemente atrás de um véu e numa condição de submissão, a sua imagem não se esgota aqui e a sua voz vai mais além, como disso são exemplo quer as *short stories* de Fatima Al-Mazrouei, Basema Younes e Mariam Al-Saedi, quer as *short stories* de Mohammed Al Murr e Nasser Al-Dhaeri.

Tendo em consideração as limitações que senti quer ao nível da parca existência de material sobre a literatura dos Emirados, quer no obstáculo que foi estar restringida às traduções existentes (sendo que, por essa razão, alguns dos resultados que

apresentarei, particularmente no tocante às pesquisas efetuadas no Dubai, podem estar comprometidos), termino este trabalho na expectativa de que esta possa ser uma rampa de lançamento para novos estudos sobre a produção literária dos Emirados e que, assim, no futuro, tanto a falta de material como a falta de traduções deixem de ser obstáculos a uma análise cada vez mais aprofundada.

Termino esta dissertação ressaltando que, atentando à densidade do tema em si (nomeadamente no referente às questões políticas, sociais e religiosas da condição da mulher árabe), há muito que fica por dizer e, principalmente, por contextualizar; contudo, ainda assim, considero ter exposto o essencial para que, daqui, se desenrolem novos estudos que abranjam as várias dimensões necessárias a uma compreensão mais profunda desta questão. Fico, portanto, na expectativa de que se analisem conscientemente muitos dos imagotipos referentes aos árabes em geral e à mulher árabe em particular para que, futuramente, a tendência para generalizar o árabe pelo seu arabismo e a mulher árabe pela ausência de individualidade seja já menor e, assim, discursos como os do capítulo “A mulher no Oriente”, da obra *O Egito*, de Eça de Queirós, pertençam efetivamente ao passado: “o árabe nunca fala da mulher. É para ele coisa sagrada, íntima, discreta, ou é simplesmente uma coisa humilhante? Aquele silêncio é respeitoso ou desdenhoso?” (Eça de Queirós, *n.d.*: 104). Termino citando a escritora paquistanesa Aslam Uzma Khan, autora do muito traduzido e aclamado romance, *Trespassing* (2003), quando aquela afirma:

“A further difference is that there are often preconceptions on the part of a western imagination, generated by the media, of how the East should appear, particularly with regards to women, who typically appear as hidden, voiceless creatures forced into marriage. But, as I hope I show in *Trespassing*, this is a very incomplete picture of a varied part of the world, where some women struggle daily to buck patriarchal convention in many different ways.”³²

³² <http://www.bookaholic.ro/uzma-aslam-khan-writing-is-a-compulsion-i-have-to-do-it-it-isnt-a-choice.html>, [Consultado a 19/01/2015].

Bibliografia

- AL-DHAHERI, Nasser (2011), "The Emirati Short Story", *Banipal*, nº 42, pp. 24-27.
- AL-MAZROUEI, Fatima (2011), "The Fetching Face of a Widow", *Banipal*, nº42, pp. 40-42.
- AL MURR, Mohammad (2008), *Dubai Tales*, Dubai, Abu Dhabi e Londres, Motivate Publishing.
- AL-NADAWI, Hawra (2012), "Under Copenhagen's sky", *Banipal*, nº 44, pp. 81 -90.
- AL-SAYEGH, Fatma (2004), "International Relations and the Formation of the UAE", *Journal of Social Affairs*, vol. 21, nº84.
- AL ORAIMI , Suaad Zaeyd (2011), " The concept of gender in Emirati culture: an analytical study of the role of the state in redefining gender and social roles", *Museum International*, vol. 63, nº 3-4, pp. 78-93.
- AL-SAEDI, Mariam (2011), "Oil Stain", *Banipal*, nº42, pp. 118-120.
- BASSNETT, Susan (2005), "Translating Terror", *Third World Quarterly*, nº 3, vol. 26, PP. 393-403.
- CLARK, Peter (2011), "Muhammad al-Murr", *Banipal*, nº 42, pp. 102-13.
- CUNHA, Carlos (2008), *O Nascimento da Literatura Portuguesa.*, Braga, Editora Nova Educação,Lda.
- KILANI, Munzer A. (2007), "Orientalism and Occidentalism: Invention of the Other in Anthropological Discourse" in Tahar Labib (ed.), *Imagining th arab other: how arabs and non-arabs view each other*, Londres e Nova Iorque, I.B. Tauris, pp. 10-16.
- LINZ, Mark (2012) "A unique and long-lasting legacy", *Banipal*, nº 43, pp. 58.
- MATTAWA, Khaled (2012) , "Such a standard bearer!", *Banipal*, nº 4, pp. 56-57.
- MICHALAK-PIKULSKA, Barbara (2012), *Modern Literature of the United Arab Emirates*, Cracóvia, Jagiellonian University Press.
- NOORI, Shaker (2011), "Looking at the Emirati Novel", *Banipal*, nº 42, pp. 32-35.
- OBANK, Margaret (2012), "First anf foremost an art, not a science", *Banipal*, nº 43, pp. 66-67.
- PATAI, Raphael (1983), *The Arab Mind*, Nova Iorque, Charles Scribner's Sons.

QUEIRÓS, Eça de (n.d), *O Egito*, Lisboa: Edições do Brasil.

RODRIGUES, Célia (n.d), “O Islão – um mundo em descoberta para o Ocidente” in Maria do Céu Pinto (coord.), *Linha de Investigação “Europa, Segurança e Migrações”*, Porto, CEPES - Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, pp. 1-38.

SAID, Edward W. (2004), *Orientalismo*, Lisboa, Edições Cotovia.

SAMIER, Eugénie (2015), “Emirati women’s higher educational leadership formation under globalisation : culture, religion, politics, and the dialects of modernisations », *Gender Education*, vol.27 nº3, pp. 239-254.

SIMÕES, Maria João (2011), *Imagótipos Literários: processos de (des)configuração na imagologia literária*, Coimbra, Centro de Literatura Portuguesa.

STOCKHORST, Stefanie (2010), “ Introduction – Cultural transfer through translation : a current perspective in Enlightenment studies”, *Cultural Transfer through translation – the circulation of Enlightened Thought in Europe by means of translation*, Amsterdam e Nova Iorque, Rodopi.

TIJANI, Ishaq (2014), “Contemporary Emirati Literature : It’s historical developments and forms”, *Journal of arabic and islamic studies*, nº 14, pp. 121-136.

TYMOCZKO, Maria; EDWIN Gentzler (2002), *Translation and Power*, Amherst e Boston, University of Massachusetts Press.

VENUTI, Lawrence (1998), *The Scandals of Translation, Towards an ethics of difference*, Londres e Nova Iorque, Routledge.

YOUNES, Basema (2011), “Silence”, *Banipal*, nº42, pp. 97-101.

Webgrafia:

ABU DHABI MUSIC AND ARTS FOUNDATION (n.d), *Abu Dhabi Music and Arts Foundation*, [Consult. a 20/06/2015]. Disponível em: <http://www.admaf.org/en>.

AFTAB, Awais (2012), “Interview by Awais Aftab”, *The Friday Times*, vol. XXIV, no. 37. Visualizado a 19 de janeiro de 2015. Disponível em:

<http://www.thefridaytimes.com/beta3/tft/article.php?issue=20121026&page=20>.

AL-SAYEGH, Fatma (1999), *A century in thirty years: Sheyk Zayed and the United Arab Emirates*. Visualizado a 18 de junho de 2015. Disponível em :

<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1475-4967.1999.tb00350.x/epdf>.

CARRINGTON, Daisy (2011), “Spreading the word of Emirati literature”, *Vision Magazine*. Visualizado a 20 de junho de 2015. Disponível em:

http://vision.ae/articles/spreading_the_word_of_emirati_literature.

DUBAI INTERNATIONAL WRITERS’ CENTRE (n.d), *About Dubai International Writers’ Centre*. Visualizado a 20 de junho de 2015. Disponível em:

<http://www.diwc.ae/en/about>.

EAST, Ben (2011), “Emirati writers are gathering force”, *The National*. Visualizado a 2 de março de 2015. Disponível em: <http://www.thenational.ae/arts-culture/books/emirati-writers-are-gathering-force>.

EMIRATES AIRLINE FESTIVAL OF LITERATURE (n.d), *Emirates Literature Foundation*. Visualizado a 20 de junho de 2015. Disponível em:

<https://www.emirateslitfest.com/overview/the-emirates-literature-foundation/>.

FARAH, Natalie (2015), “It’s vital to support Emirati writers”, *Gulf News*. Visualizado a 20 de junho de 2015. Disponível em: <http://gulfnews.com/culture/books/it-s-vital-to-support-emirati-writers-1.1532818>.

GOKULAN, Danusha, “Is a prize for women’s fiction needed?”, *Khaleej Times*. Visualizado a 21 de junho de 2015. Disponível em:

http://www.khaleejtimes.com/mobile/inside.asp?xfile=/data/nationgeneral/2013/March/nationgeneral_March143.xml§ion=nationgeneral.

HIS HIGHNESS SHEIKH MOHAMMED BIN RASHID AL MAKTOUM (n.d), *His Highness Sheikh Mohammed Bin Rashid Al Maktoum*. Visualizado a 19 de abril de 2015. Disponível em:

<http://www.sheikhmohammed.ae/vgn-ext-templating/v/index.jsp?vgnextoid=9bd838e26c894310VgnVCM1000004d64a8c0RCRD>.

Nasser Al-Dhaheri – A short story - *Banipal* (n.d), *The stone of desire*. Visualizado a 6 de junho de 2015. Disponível em:

<http://www.banipal.co.uk/selections/80/242/nasser-al-dhaheri/>.

OLIVIA (2013), “Recognising Emirati Writers”, *Khaleej Times*. Visualizado a 20 de junho de 2015. Disponível em: http://www.khaleejtimes.com/kt-article-display-1.asp?xfile=data/nationgeneral/2013/June/nationgeneral_June327.xml§ion=nationgeneral.

UZMA ASLAM KHAN (INTERVIEW) (2013), *Uzma ASlam Khan (Interview) : “Writing is a compulsion, I have to do it, It isn’t a choice”*, [Consult. a 19/01/2015] em : <http://www.bookaholic.ro/uzma-aslam-khan-writing-is-a-compulsion-i-have-to-do-it-it-isnt-a-choice.html>.

WELCOME TO DUBAI CULTURE (*n.d*), *Dubai culture story*, [Consult. a 20/06/2015]. Disponível em: <http://www.dubaiculture.gov.ae/en/Pages/default.aspx#story>

Anexos

Anexo 1 – Registos da pesquisa efetuada através do CDU 821.411.21 na Biblioteca Nacional Portuguesa

| Autor | Título | Referência |
|--------------------------|--|---|
| Fekr-e Ruz | <i>On the Sharp steep of the evening</i> | Publicação : Tehran : Fekr-e-Ruz, 1997 Notas : Texto em árabe |
| Felix Paul Greve | <i>Die Erzählungen aus den Tausendundein Nachten</i> | Publicação : Leipzig : Insel-Verl., 1907-1908 |
| José Nunes Carreira | <i>Literatura do Antigo Egipto</i> | Publicação: Mem-Martins: Europa-América, 2005 |
| Mahmud Darwich | <i>O jardim adormecido e outros poemas</i> | Publicação:Porto: Campo das Letras, 2002 Tradução: Albano Martins |
| António Borges Coelho | <i>Portugal na Espanha Árabe</i> | Publicação: Lisboa: Carminho 1989/ Lisboa: Seara Nova, 1972-1975/ Lisboa: Carminho, 2008 |
| Maria Jesús Rubiera Mata | <i>Literatura Hispanoárabe</i> | Publicação: Madrir: MAPFRE, cop. 1992 |
| Bernabé López García | <i>Textos y obras clásicas sobre la presencia del islam en la historia de España</i> | Publicação: Madrid: F.H.T., cop. 1998 |
| Rania Al-Baz | <i>Desfigurada</i> | Publicação: Porto: Asa, 2007/ Alfragide: Asa, 2007/ Alfragide: Asa, 2008 Tradução: Pedro Sousa |
| Toni Maguire | <i>Quando o papá voltar</i> | Publicação: Alfragide: Asa II, 2009 Tradutora: Isabel Alves |
| Uzma Aslam Khan | <i>Transgressão</i> | Publicação: Porto: Ambar, 2003 Tradução:Maria Augusta Júdice |

| | | |
|------------------------------------|--|---|
| Asia Bibi | <i>Blasfémia</i> | Publicação: Lisboa: Alêtheia, 2011 Tradução: Carlos Vieira da Silva |
| Tehmina Durrani | <i>Meu amo e senhor</i> | Publicação: Lisboa: Círculo de Leitores, imp., 1995/ Porto: Asa, 1995/ Porto: Asa, 1996/Porto: Asa, 1997/ Porto: Asa, 1999/Porto: Asa, 2000/ Porto: Asa, 2001/ Porto: Asa, 2002 Tradução: Maria Adelaide Namorado Freire |
| Adalberto Alves | <i>Irão: viagem ao país das rosas</i> | Publicação:Lisboa: Ésquilo – Edições e Multimédia, 2007 |
| Siba Shakib | <i>Deus veio ao Afeganistão e chorou, a história de Shirin-Gol</i> | Publicação: Lisboa: Círculo de Leitores, 2002/ Miraflores: Difel, 2002/Miraflores: Difel, 2003/ Miraflores, Difel: 2005 Tradução: Maria Nóvoa |
| Siba Shakib | <i>Samira e Samir</i> | Publicação: Miraflores: Difel, 2004 Tradução: Isabel Xavier |
| Mojdeh Bayat e Mohammad Ali Jamnia | <i>Contos do país dos sufis</i> | Publicação:Lisboa: Assírio e Alvim, 2002 Tradução: José Domingos Morais |
| Thura Al-Windawi | <i>O diário de Thura: a vida de uma jovem iraquiana num país devastado pela guerra</i> | Publicação: Porto: Asa, 2005 Tradução: Isabel Alves |
| Salwa al Neimi | <i>A prova do mel</i> | Publicação: Lisboa: Teorema,imp., 2009 Tradução: Luís Ruivo |
| Khalil Gibran | <i>Os deuses da terra</i> | Publicação: Mem Martins: Livros de Vida,2003 Tradução: Ana Isabel Baia de Matos |
| Khalil Gibran | <i>O mensageiro</i> | Publicação: Mem Martins: Livros de Vida,2003 Tradução: Ana Isabel Baia de Matos |
| Khalil Gibran | <i>Natal</i> | Publicação: Coimbra: Ama Azul, |

| | | |
|--|--|--|
| | | 2004 Co-autor: Eça de Queirós |
| Ali Ahmad Said | <i>Epitáfio para Nueva York; Marrakech,/ Fez: o el espacio entreteje la interpretación</i> | Publicação: Madrid: Hiperión, cop., 1987 Tradução: Federico Arbós |
| Rudyard Kipling, Khalil Gibran e Charles Baudelaire | <i>Poesia mais que perfeita</i> | Publicação: Coimbra: A Mar Arte, 1994/ Castelo Branco: Alma Azul, 2001/ Castelo Branco: Alma Azul, 2002 Tradução: Ana Leal |
| Khalil Gibran | <i>O vagabundo</i> | Publicação: Braga: Editorial A.O., 2002 Tradução: Manuel Simões |
| Khalil Gibran | <i>Pensamentos e meditações</i> | Publicação: Cascais: Pergaminho, 2002/ Mem Martins: Livros de Vida, 2005 Tradução: Joana Neves/ Rita Silva |
| Rachid El-Daif | <i>Mostra as pernas, Leila!</i> | Publicação: Lisboa: Europress, 2007 Tradução: Joana Marques de Almeida |
| Elias Khoury | <i>A porta do sol</i> | Publicação: Lisboa: Quetzal, 2012 Tradução: Ana Cristina Leonardo |

Anexo 2 – Registos da pesquisa efectuada por “Arabic Literature” na biblioteca pública do Dubai

| Autor | Título | Referência |
|--|--|--|
| Sadd Al- Bazei | <i>New Voices of arabia : the poetry : An Anthology from Saudi Arabia</i> | Publicação : Londres : i.b. tauris, 2012 |
| AFL Beeston, T.M. Johnstone, R.B. Serjeant, G.R. Smith | <i>Arabic Literature to the end of the Ummayas period</i> | Publicação : Cambridge : Cambridge University Press, 2009/2010 |
| Muhammad Mustafa Badawi | <i>Early arabic drama</i> | Publicação : Nova Iorque : Cambridge University Press, 2010 |
| Samia Mehrez | <i>Egypt's culture wars politics and practice</i> | Publicação : Nova Iorque : Routledge, 2008 |
| Amin Maalouf | <i>Leo the African</i> | Publicação : Londres : Abacus, 2008 |
| Richard Jacquemond | <i>Conscience of the Nation : Writers, State and Society in Modern Egypt</i> | Publicação : Cairo : American University in Cairo Press, 2008 |
| Esperanza Alfonso | <i>Islamic Culture through Jewish Eyes :Al-Andalus from the Tenth to Twelfth Century</i> | Publicação : Londres : Routledge, 2008 |
| Shihab M. Ghanem | <i>Coffee and dates: literary writings from the United Arab Emirates</i> | Publicação : Abu Dhabi : Ministry of Culture Youth & Community Development, 2007 |
| Anastasia Valassopoulos | <i>Contemporary Arab Women Writers: cultural expression in context</i> | Publicação : Nova Iorque : Routledge, 2007 |
| Kamran Rastegar | <i>Literary Modernity between the Middle East and Europe: Textual Transactions in Nineteenth Century Arabic, English and Persian literatures</i> | Publicação : Londres : Routledge, 2007 |
| Richard Van Leeuwen | <i>The Thousand and One Nights : space, travel and trasformation</i> | Publicação : Londres : Routledge, 2006 |
| Mohamed-Salah Omri | <i>Nationalism, Islam and World Literature: sites of confluence in the writings of Mahmud Al-Masadi</i> | Publicação : Londres : Routledge, 2006 |
| Elizabeth Kendall | <i>Literature, Journalism and the Avant-Garde: Intersection in</i> | Publicação : Londres : Routledge, |

| | | |
|--|--|--|
| | <i>Egypt</i> | 2006 |
| Cynthia Robinson | <i>Medieval Andalusian courtly culture in the Mediterranean: Hadith Bayad wa Riyad</i> | Publicação : Londres : Routledge, 2006 |
| Salma K. Jayyusi, Mansour al-Hazimi, Izzat Khattab | <i>Beyond the Dunes: an Anthology of Modern Saudi Arabia Literature</i> | Publicação : Londres : I. B. Tauris, 2006 |
| Denys Johnson-Davies | <i>The AUC Press Book of Modern Arabic Literature</i> | Publicação : Cariro : American University in Cairo Press, 2006 |
| Denys Johnson-Davies | <i>Memories in Translation: a Life Between the Lines of Arabic Literature</i> | Publicação : Cariro : American University in Cairo Press, 2006 |
| Naguib Mahfouz | <i>Life's Wisdom: From the Works of the Nobel Laureate</i> | Publicação : Cariro : American University in Cairo Press, 2006 |
| Mustafa ben Abdallah Haji Khalifa | <i>Lexicon: Bibliographicum et Encyclopaedicum</i> | Publicação: Bierut: Dar Sader publishers, 2006 |
| Ahdaf Soueif | <i>In the Eye of the Sun</i> | Publicação : Londres : Bloomsbury, 1992/2005 |
| Hoda Barakat | <i>The Tiller of Waters</i> | Publicação : Cariro : American University in Cairo Press, 2005/2001 |
| Denys Johnson-Davies | <i>The alleyways of Cairo: an Egyptian folktale</i> | Publicação : Cairo : Dar el Shorouk, 2005 |
| Denys Johnson-Davies | <i>The Acrobats of Marrakesh</i> | Publicação : Cairo : Dar el Shorouk, 2004 |
| Denys Johnson-Davies | <i>The Two Abdullahs: A Story From the "Arabian Nights"</i> | Publicação : Cairo : Dar el Shorouk, 2004 |
| Randa Hamwi Duwaji | <i>Heartbeats in the Wind: Reflections of an Arab Woman</i> | Publicação : Maryland : International Graphica, 2002 |
| Mourid Barghouti | <i>I saw Ramallah</i> | Publicação : Cariro : American University in Cairo Press, 2002 |
| Julie Scott Meisami | <i>Encyclopedia of Arabic Literature</i> | Publicação: Londres: Routledge, 1998 |
| Tetz Rooke | <i>In My Childhood: A Study of Arabic Autobiography</i> | Estocolmo : Estocolmo University, 1997 |

| | | |
|-------------------------|--|--|
| Amin Maalouf | <i>The rock of Tanios</i> | Publicação: Londres: Abacus, 1995 |
| Sabry Hafez | <i>The Genesis of Arabic Narrative Discourse: a Study in the Sociology of Modern Arabic Literature</i> | Publicação : Londres : Saqi Books, 1993 |
| Mohamed Choukri | <i>For Bread Alone</i> | Publicação : Londres : Saqi Books, 1993 |
| Muhammad Mustafa Badawi | <i>Modern Arabic Literature</i> | Publicação: NewYork: Cambridge University Press, 1992 |
| Amin Maalouf | <i>Samarkand</i> | Publicação: Londres: Abacus, 1992 |
| Adonis | <i>An Introduction to Arab Poetics</i> | Publicação : Londres, Saqui Books, 1990 |
| Abdullah al-Udhari | <i>Mahmud Darwish, Samih Al-Qasim, Adonis: Victims of a Map</i> | Publicação : Londres, Saqui Books, 1984 |
| Henry Baerlein | <i>The Diwan of Abu'l-Ala</i> | Publicação : Londres, John Murray, 1984 |
| Al-Qadi Wadad | <i>Studia Arabica et Islamica</i> | Publicação: Beirute: American University, 1981 |
| Michael Meeker | <i>Literature and Violence in North Arabia</i> | Publicação : Cambridge University Press, 1979 |
| David Marshall Lang | <i>A Guide to Eastern Literatures</i> | Publicação: Londres: Weidenfeld & Nicolson LTD., 1971 |
| Khalil Gibran | <i>The wanderer: his parables and his sayings</i> | Publicação : Heinemann, 1971 |
| John A. Haywood | <i>Modern Arabic Literature: 1800 - 1970</i> | Publicação: Londres: Lund Humphries LTD., 1971 |
| Omar Pound | <i>Arabic and Persian Poems</i> | Publicação: Fulcrum Press, 1970 |
| Tayeb Salih | <i>The Wedding of Zein</i> | Publicação: Londres: Heinemann Educational Books, 1970 |
| Reynold A. Nicholson | <i>A Literary History of the Arabs</i> | Publicação: Londres: Cambridge University Press, 1969 |
| Charles Pellat | <i>The Life and Works of Jahiz</i> | Publicação : Londres : Routledge and Kegan Paul LTD., 1969 |
| Sulafa Hijjawi | <i>Poetry of resistance in occupied Palestine</i> | Publicação : Bagdade, 1998 |

| | | |
|-------------------------|---|---|
| Denys Johnson-Davies | <i>Modern Arabic Short Stories</i> | Publicação: Oxford: Oxford University Press, 1967 |
| Oxford University Press | <i>Tales from the Arabian Nights</i> | Publicação: Oxford: Oxford University Press, 1966 |
| Sir Hamilton Gibb | <i>Arabic Literature: an introduction</i> | Publicação: Oxford: Clarendon Press, 1963 |
| Khalil Gibran | <i>Tears and Laughter</i> | Publicação: Macmillan & Company LTD., 1949 |
| B. A. Bhai | <i>Al-Busaree well konwn as the poem the scare: with an English version and notes</i> | Publicação : Karachi : TAJ Company LTD. |

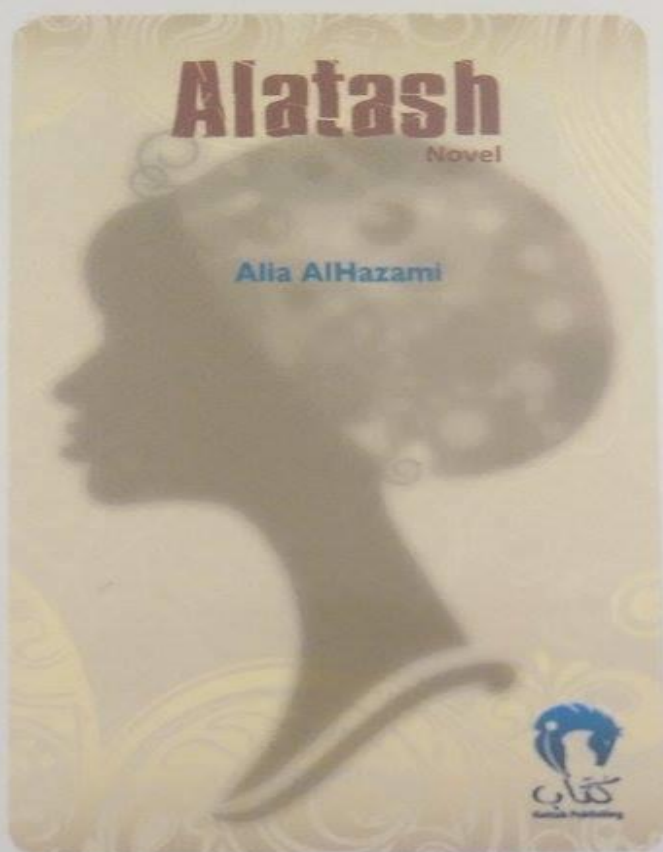
Anexo 3 – Lista de autores dos EAU publicada no nº 42 da revista *Banipal: New Writing from the Emirates*

| Autor | Obra | Publicação |
|------------------------|---|---|
| Abdel Aziz Jassim | Poemas: “The Nostalgia of wolves”, “The Magian Boy”, “The Dream of the Second Continent” da coleção <i>Aalam Taweela Ka Dhilal el-Qitarat</i> | Publicação : Al-Muassa al-Arabiya lil-Dirassat wal Nashr, Beirute, Aman, 2010 Tradução : Allison Blecker |
| Fatima Al-Mazrouei | <i>Short stories</i> : “The Fetching Face of a Widow”, “A Dollhouse” da coleção <i>Wajh Armala Fatina</i> | Publicação : Abu Dhabi Authority for Culture and Heritage Cultural Foundation, 2008 Tradução : William M. Hutchins |
| Mona Abdelkader Al-Ali | <i>Short story</i> : “The Pigtail” da coleção <i>Al-Miraat</i> | Publicação : Abu Dhabi Authority for Culture and Heritage Cultural Foundation, 2009 Tradução: John Peate |
| Nujoom Al-Ghanem | Poemas: “Morning’s first desire”, “I Extend my Hand and Don’t Grasp Anything”, “Poems Grew on the Walls” da coleção <i>A Night Heavy on the Night</i> | Publicação : Abu Dhabi Authority for Culture and Heritage Cultural Foundation, 2009 Tradução : Khaled Al-Masri |
| Abdul Hamid Ahmed | <i>Short story</i> : “Kuya’s Little Things” da coleção <i>Al-Beedar</i> | Publicação : Dar al-Kalima lil-Nashr, Beirute, 1987 Tradução : Thomas Aplin |
| Dhabiya Khamis | Poemas: “Myth”, “Silence”, “Th Voice”, “Life”, “Prayer”, “No names”. “Tree”, “Imagination” | Tradução : Camilo Gomez-Rivas |
| Sara Al-Jarwan | Excerto do romance <i>Letters to My Lord the Sultan</i> | Publicação: Dar al-Adab, Beirute, 2009 Tradução: Robin Moger |
| Basema Younes | <i>Short Story</i> : “Silence” | Tradução: Ali Azeriah |

| | | |
|--------------------------|--|---|
| Rawdha Al-Belushi | <i>Short story: “Ressurrection Bus” da coleção Bass el-Qayama</i> | Publicação: Abu Dhabi Authority for Culture and Heritage Cultural Foundation, 2008 Tradução: Thomas Aplin |
| Adel Khozam | Excertos da obra <i>House of the Wise Man</i> | Publicação: Abu Dhabi Authority for Culture and Heritage Cultural Foundation, 2011 Tradução: Raphael Cohen |
| Habib Sayegh | Poemas: “If I was”, “A love Poem”, “Abu Nuwas”, “The Bedouin”, “The Family”, “Three Cities” da coleção <i>Diagram of Giraffe Herbs</i> | Publicação: Dar al-Intishar al-Arabi, Beirute, 2011. Tradução: Issa J Boullata |
| Ali Abu Al-Reesh | Excerto da obra <i>Room 357</i> | Publicação: Dar-al-Ktab al-Arabi, Beirut, 2009 Tradução: William M. Hutchins |
| Ibrahim Mohammad Ibrahim | Poemas: “Cages”, “It’s Her Voice”, “I am Still Not Born”, “Day and Night”, “The Shepherd and the Wolf”, “I am Teeming With Myself” da coleção <i>The Earth is not mine</i> | Tradução: Fadhil Al-Azzawi |
| Khulood Al-Mualla | Poemas: “Our Home as We Knew It”, “We Must!”, “In the Period of Time’s Negligence”, “The Morning Paper”, “Rituals”, “A Black Migration” | Tradução : Allison Blecker |
| Khalid Albudoor | Poemas: “While the Rain Falls Heavily”, “Upon the Table”, “For the Skae of a Towering Building”, “A Shore” | Tradução: Robin Moger |
| Aisha Al-Kaabi | ” <i>Short Stories:</i> ”Fortunes”, “A relief”, “A discovery”, “Cleanliness”, “Vip” | Tradução : John Peate |
| Maisoon Saqr | Poemas: “Without Place or Witness”, “A Passage of Conversation”, “I’m the Only Cat Here”, “Little Thief” | Tradução: Robin Moger |
| Mariam Al-Ghafli | Excertos do romance <i>The Daughter of the Rain</i> | Publicação: Dar al-Hiwar, 2009, Latakia Tradução: William M. Hutchins |
| Ahmed Rachid Thani | Poema: “Down the Trap” | Tradução: Raphael Cohen |

| | | |
|----------------------|--|--|
| Mariam Al-Saedi | <i>Short Stories</i> : “A Beautiful Winter’s Night in Abu Dhabi”, “Oil Stain” da coleção <i>I look smart</i> | Publicação : Dar al-Aalam al Arabi lil-Nashr wal-Tawzee’a, Dubai, 2009 Tradução : Ghenwa Hayek |
| Abdallah Abdulwahab | Poemas: “Maze”, “Song”, “We are the Nobodies”, “The Herb of Immortality”, “Alone” da coleção <i>Nobody</i> | Tradução : Fadhil Al-Azzawi |
| Dhaen Shahine | Poemas: “Scent”, “The Glass Door” | Tradução : Robin Moger |
| Mohammed Al-Mazrouei | Poemas: “It seems I face many Troubles”, “Everything Except Food” da coleção <i>Bila Sabab Li-Ananna Fuqara’a</i> | Publicação : Abu Dhabi Authority for Culture and Heritage- Cultural Foundation, 2009 Tradução : John Peate |
| Ibrahim al-Mullah | Poemas: “Insomnia”, “The killers”, “A Little Song”, “Like Unto the Earth” | Tradução : Robin Moger |
| Nasser Al Dhaheri | <i>Short Story</i> : “The Stone of Desire” | Tradução : Reem Ghanyem |
| Ebtisam Al-Mualla | <i>Short Story</i> : “A fading Light” da coleção <i>Dhaw Yadhhab Lil- Nawm</i> | Publicação : Abu Dhabi Authority for Culture and Heritage Cultural Foundation, 2008 Tradução : Sophia Vasalou |

Anexo 4 – Carimbo Emirati Literature (encontra-se visível na contracapa do livro *Alatash*, de Ali AlHazami)



Emirati writer
An ambitious seventeen years
old author studies in MIS.
Her dream is to make her
country proud.
She has her own column on Sail
Emagazine.
@AliaAlHazami